



PUC

MARIA INÊS DE OLIVEIRA CASTRO CARNEIRO

OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, novembro de 1996.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

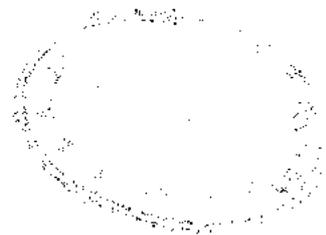
N.Cham. 150 C289L TESE UC
Título Os limites da interpretação



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00150021

OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO



Maria Inês de Oliveira Castro Carneiro

Instituição: PUC - Rio / Psicologia

Área: Psicanálise.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Professor Octavio Souza,

Doutor.

Professor da Pós-Graduação do

Departamento de Psicologia, PUC -Rio.

Rio de Janeiro

1996

101557

Bald



150
C259L
F11E VC
EX 2

À Maria Cândida,

AGRADECIMENTOS:

A Octavio Souza, meu orientador, por sua paciência em acompanhar o longo trajeto de construção dessa dissertação, sempre atento ao meu desejo.

Aos colegas da pós-graduação da PUC, com quem pude compartilhar bons momentos ao longo das cadeiras aí cursadas e formar laços de trabalho a partir do interesse comum pela psicanálise e sua transmissão.

A meus pais, irmãos, e tia Helena pelo apoio e carinho.

A Bete Thamer por sua leitura atenta e paciência em me ouvir em momentos cruciais desse trabalho.

Andréa Estevão por seu amor contagiante à alingua.

À CAPES, pelo suporte financeiro, sem o que este trabalho não seria possível.

RESUMO

Carneiro, Maria Inês de Oliveira Castro. *Os limites da interpretação*

Orientador: Octavio Souza. Rio de Janeiro, 1996.

f. Diss. (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

RESUMO

A clínica psicanalítica tem na interpretação seu modo de intervenção privilegiado. Um exame detalhado desse conceito, ao longo da obra de Freud, nos mostra que essa forma de intervenção esbarra em limites. Esses limites podem ser abordados a partir do estudo dos mecanismos psíquicos inconscientes e também do próprio dispositivo analítico. Numa perspectiva estruturalista, essas duas vias de abordagem dos limites da interpretação ganham um solo comum, a estrutura da linguagem, que permeia ambos. Um exame dos fundamentos da interpretação psicanalítica mostra que, para estar em consonância com o dispositivo fundado por Freud e com o desejo inconsciente a que visa, ela deve guardar em si o lugar de um indizível inerente ao próprio campo da linguagem.

ABSTRACT

Interpretation is the privileged way of intervention in psychoanalytical practice. Detailed study of that concept through Freud's work highlights the limits of intervention. Inconscious psychological mechanisms and the analytical setting allow to approach such limits. From a structuralist point of view, both ways of approaching the limits of interpretation find a common ground in the structure of language. According to Freud's concepts of analytical setting and the unconscious desire, the objective interpretation, a study of the fundamentals of psychoanalytical interpretation should consider that the language itself can not totalize the whole.

O senhor toda a vida não pode tirar os pés:
que há de estar sempre encima do sertão.

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não
sei. Um grande sertão! Não sei.

Guimarães Rosa

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1: O inconsciente freudiano

- 1.1 Sonhos - uma via de acesso ao inconsciente
- 1.2 Trabalho do inconsciente e trabalho da interpretação
- 1.3 A condensação
- 1.4 O deslocamento
- 1.5 Considerações sobre a representabilidade
- 1.6 O trabalho Ics e alguns impasses do processo interpretativo

Capítulo 2: A interpretação dos sintomas

- 2.1 O sintoma faz parte da história
- 2.2 Interpretação no caso Dora
- 2.3 Os impasses do Caso Dora

Capítulo 3: O dispositivo analítico

- 3.1 Associação livre e atenção flutuante
- 3.2 Interpretação e transferência

Capítulo 4: Interpretação e linguagem

- 4.1 Lacan no caminho das letras
- 4.2 As ressonâncias da palavra e a interpretação
- 4.3 As leis da linguagem e os fundamentos da interpretação
- 4.4 Dirigir o tratamento apontando o lugar do desejo
- 4.5 Levar em conta os limites da interpretação guardando o lugar do indizível

Conclusão

Referências bibliográficas

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Gostaríamos de estabelecer aqui as relações entre o saber inconsciente e o dispositivo analítico para poder delinear o que está em jogo na interpretação psicanalítica, assimilada à própria intervenção analítica. Mais que isso, pretendemos apontar para alguns limites com que esbarra a interpretação, limites esses intrinsecamente ligados ao que entendemos como inconsciente e dispositivo analítico.

Acolhendo a hipótese de que esses limites são estruturais, inevitáveis, apontá-los é importante para que possamos pensar numa forma de lidar com eles. A saída para a experiência analítica tem que ser pensada levando em conta esses limites da intervenção interpretativa.

Pensemos um pouco sobre a experiência analítica, tomando uma idéia básica - a de alteridade. Uma análise se resume, de forma bem geral, nisso: Falar para outrem. O inconsciente freudiano é algo que só pode ser pensado a partir do dispositivo por ele inventado. Dispositivo onde se fala e se é escutado de maneira tal que efeitos são produzidos.

O que oferece o analista? Ele se oferece para tratar de alguém que lhe traz um sofrimento. E o material em jogo nessa experiência são suas palavras.

Freud percebeu que aquele tomado por um sofrimento queria falar disso. Mas não queria falar de um modo qualquer, responder simplesmente às suas perguntas, por exemplo. Queria falar livremente, sem ser direcionado ou interrompido. Freud aceita isso que lhe é proposto pelas histéricas: 'deixe-me falar'. Ele aceita e se pergunta o que poderia estar em jogo nesse pedido, que suposições estariam por trás dele.

Primeiramente, esse sofrimento deve ter algo a ver com aqueles fatos que se põe a relatar quem procura uma análise. A saída para seus problemas tem que estar ali, naquilo que ele sabe e pensa acerca de si mesmo, em sua história.

Mas essa suposição vai mais longe, senão, falar sozinho bastaria. Deve haver uma lei que lhe escapa; ao falar do que lhe acontece, o paciente supõe que há uma razão, um sentido ao qual não tem acesso direto. É aí que entra o analista. “Quem sabe ele não domina essa razão outra?” pergunta-se o analisando.

A suposição primeira é de que as coisas tem uma razão de ser, uma determinação. E a segunda é de que o analista talvez possa ajudar a alcançar essa determinação. Há aí uma transferência. Transfere-se a razão das coisas para outro lugar, uma dimensão que escapa ao entendimento direto. E ao analista supõe-se afinidades com esse outro lugar, com essa razão outra.

O dispositivo está intrinsecamente ligado a essa transferência e a essa suposição. Se o analista aceita escutar é porque pode fazer algo. E, se a única coisa que pede é que se fale livremente, é porque deve haver aí uma ordem que escapa àquele que fala, mas não a quem escuta, não ao analista. Deve haver nesse ‘livremente’ determinações, leis, a que o analista tem acesso.

Mas o analista não é todo ouvidos, ele também fala, intervém, interpreta aquilo que escuta. E a forma como intervém parece confirmar as suposições acima apontadas.

A interpretação dá sentido ao que parecia despropositado, aponta ou favorece a aparição de sentidos novos. Idéias em que aquele que fala não havia pensado, mas que aparecem como se já estivessem ali presentes, inconscientes.

Uma primeira impressão que podemos ter da teoria psicanalítica do inconsciente é a seguinte: há determinações psíquicas cujas leis nos escapam. Se pudermos conhecer essas leis e traduzir os acontecimentos, estão resolvidos os problemas. Aquele que sofre poderá saber porque sofre. Saberá o que determina seu modo de ser e agir e acederá ao sentido de seu sofrimento, podendo se modificar.

O problema é que as leis inconscientes não são como as que dominam a razão comum. Esse outro lugar é o domínio das superposições e deslizamentos de sentido e não dos sentidos últimos ou primeiros, seja lá onde queiramos amarrar nossas certezas - na origem ou finalidade das coisas.

O domínio inconsciente é terreno de passagem. E a interpretação, por ter afinidades com esse domínio, aponta sempre um sentido novo. Seu efeito propriamente terapêutico é que, ao apontar um sentido novo, ela desata suas amarrações, desfaz seus sintomas; abre novas perspectivas para ele se pensar e pensar aquilo que lhe acontece.

Entretanto, o sentido é algo que envelhece rápido. O sentido novo vira sentido adquirido e volta a trazer problemas, limitações. Um sentido é limitado por definição. Quando um fato ganha um sentido, perde todos os outros que poderia ter. O sentido impõe ao sujeito um estado de falta, por ser limitado, falta-lhe sempre alguma coisa. E o que se abre é uma perspectiva infinita de busca de sentidos novos.

Logo, para além da interpretação produtora de sentido, a intervenção analítica tem que trazer em si algo mais. Partindo dessa experiência com os limites, a intervenção deve favorecer a que o sujeito se relacione com o que lhe falta, ou escapa, de uma nova forma. De uma forma diferente da busca infinita de um sentido último.

Esse trabalho a mais exigido da análise está intimamente ligado a essa suposição primeira sobre a alteridade. A essa suposição de que as determinações outras, que escapam àquele que fala estancariam algo, dariam conta do que lhe falta. É preciso lidar com a alteridade de forma diferente, que ela não seja mais sentida como extrínseca, e sim como algo que tem relações intrínsecas, necessárias, com o sujeito.

Para isso, o dispositivo analítico deve trazer desde sempre as marcas desses limites. Apontar os limites para poder permitir que se faça deles a experiência. Que a experiência de uma impossibilidade estrutural, possa dar lugar a um outro estado que não a impotência subjetiva e o sofrimento por ela acarretado.

----- XX -----

Pretendemos trabalhar a problemática acima delimitada a partir de alguns textos de Freud, fundador da psicanálise, e de Lacan, autor que realiza um retorno sobre esses mesmos textos numa perspectiva estruturalista que nos interessa aqui valorizar.

Num primeiro momento, tentaremos definir o que seja o inconsciente freudiano e suas leis. Para isso teremos como texto base "*A Interpretação dos sonhos*", texto onde Freud fundamenta sua hipótese do inconsciente. Esse passo é essencial para sabermos o que está em jogo na interpretação, uma vez que Freud nos diz que o trabalho de interpretação segue o caminho inverso do trabalho inconsciente.

Delimitado o que Freud entende por inconsciente, abordaremos a relação entre a técnica fundamentada na "*Interpretação dos sonhos*" e o sintoma - aquilo que visa

basicamente a interpretação. O que faremos a partir de um caso clínico de Freud, o “*Caso Dora*”.

Em seguida, tomaremos os “*Artigos sobre técnica*” freudianos para apontar como se estrutura o dispositivo analítico em suas linhas gerais. Sob que condições pode se dar a interpretação, ou seja, o que delimita a intervenção analítica.

Trabalhada a problemática da interpretação em Freud, conforme o percurso acima circunscrito, abordaremos alguns textos iniciais de Jacques Lacan. Textos onde ele realiza uma leitura da obra freudiana, a partir da hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Hipótese essa que nos permite aproximar o que está em jogo no psiquismo à própria estrutura do dispositivo analítico. Procuraremos delimitar o que seja a interpretação nos termos que Lacan nos apresenta nesses textos.

Capítulo 1

O INCONSCIENTE FREUDIANO

1.1 - Sonhos - uma via de acesso ao inconsciente.

Pretendemos desenvolver nesse primeiro capítulo as características gerais do trabalho inconsciente, para estabelecer as bases sobre as quais Freud fundamenta a interpretação psicanalítica. O caminho que percorreremos nos levará a esbarrar com alguns limites da interpretação a partir do entendimento do próprio trabalho inconsciente.

O inconsciente freudiano surge da conjugação de suas observações clínicas com pequenos fatos presentes na vida do homem comum. Este autor vê, tanto nos sintomas neuróticos, como nos sonhos, nos lapsos, atos falhos e chistes, fatos que carecem de explicação. Há aí certas lacunas, falhas no desenvolvimento do pensamento. Algumas idéias se apresentam à consciência sem motivo aparente, assim como pode se chegar a conclusões intelectuais absurdas ou desprovidas de sentido, sem se saber o que levou a isso. Procurando uma ligação entre esses fatos e o conteúdo da consciência, Freud supõe a existência de um outro registro psíquico diferente da mesma. Só a existência de "*atos psíquicos que carecem de consciência*" pode explicar essas lacunas e falhas acima mencionadas, enquadrando-as numa ligação "*inteligível e demonstrável*" (cf. Freud, 1915, pp.192-196).

Porém, muito mais que uma teoria abrangente sobre o psiquismo humano, a inferência do inconsciente permitiu a Freud a construção de uma forma de intervenção através da qual ele pôde exercer "*influência efetiva sobre o curso dos processos conscientes*" (Freud, 1915, p.192), a clínica psicanalítica propriamente dita.

Essa clínica, se a tomamos conforme definimos na introdução, como uma experiência onde alguém fala para outrem, é constituída de três peças chaves - associação livre, atenção flutuante e interpretação. Há ainda uma quarta peça chave que se apresenta como condição para que essas três se articulem - a transferência. Dito de modo bem simples, alguém fala de uma determinada maneira, alguém escuta também de forma especial e intervém sobre essa fala.

É através do efeito de suas interpretações que Freud vai desenvolvendo as conseqüências de sua hipótese do inconsciente. O elo que une a clínica freudiana às suas hipóteses teóricas é tão importante que ele nos diz: em psicanálise "*a pesquisa e o tratamento coincidem*" (Freud, 1912b, p.152).

Iniciaremos nossa investigação a partir do livro "*A interpretação dos sonhos*"¹. O estudo da elaboração onírica nos encaminha para nosso objetivo de delinear os traços principais dos mecanismos inconscientes, tal qual formulados por seu autor.

O trabalho de Freud "*A interpretação dos sonhos*" [*Traumdeutung*] foi um dos pilares de sua obra. Publicado em 1900, ele vai recebendo ao longo das novas edições alguns pequenos acréscimos mas, em sua maior e mais significativa parte, se mantém praticamente inalterado. A avaliação feita pelo autor em 1931 é contundente:

"Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém ele a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão (insight) dessa espécie só acontece uma vez na vida." (Freud, 1931, p.Xli).

¹ Freud. Obras completas, volumes IV e V.

Várias observações ao longo da *“Traumdeutung”* valorizam o papel do estudo dos sonhos para a psicanálise, tais como quando, se referindo à estrutura do aparelho psíquico, Freud nos diz que: ...*“a interpretação dos sonhos é uma janela pela qual podemos vislumbrar o interior daquele aparelho”*(Freud, 1900, p.233); ou ainda quando afirma que *“A interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente”* (Freud, 1900, p.647).

Nesse texto, ele articula as questões advindas de sua clínica com a análise dos sonhos. O elo entre ambas não lhe era estranho. Seus pacientes traziam sonhos em meio às associações, o que lhes elevava à condição de material passível de interpretação, assim como os sintomas dos quais reclamavam. Além de tudo, sua aparente estranheza e falta de sentido os aproximavam ainda mais dos sintomas neuróticos, reforçando o estabelecimento de uma ponte entre ambos. O que faz Freud, em linhas gerais, é uma ampliação e fundamentação da técnica que vinha elaborando para interpretar os sintomas, a partir do estudo dos sonhos.

No livro dos sonhos iremos encontrar sonhos de Freud, sonhos de seus pacientes e também sonhos que chegaram até ele por conhecidos ou pela literatura. Algumas condições, entretanto, são necessárias para que um sonho possa servir de material para a interpretação psicanalítica, sendo a principal delas a necessidade de obter as associações do sonhador, as idéias que lhe surgem a partir de seu relato. Nesse sentido, os sonhos de pacientes em análise seriam ideais para demonstrar o método da interpretação. Mas, fato curioso: não são estes sonhos que constituem a base deste livro, e sim, os do próprio autor. Pode parecer estranho Freud dispensar o material abundante de sua clínica e expor seus próprios sonhos, mas essa foi uma saída estratégica para contornar uma crítica que pesava sobre os sonhos de seus

pacientes: em sendo uma produção neurótica, as deformações a que estavam sujeitos poderiam ser tomadas como decorrentes da doença. Restam os sonhos dele próprio, "*uma pessoa mais ou menos normal*", disposta a trabalhar na interpretação de seus sonhos e expor sua intimidade em nome da consagração do método (cf. Freud, 1900, pp.111/112).

Em 1938, em "*Esboço de Psicanálise*", Freud relembra que um dos aspectos importantes do estudo dos sonhos para a teoria psicanalítica foi justamente permitir que ela se mantivesse protegida da crítica levantada acima. Estudando o sonho, ele nos diz,

"evitamos a acusação costumeira de basearmos nossas construções da vida mental normal em achados patológicos, pois os sonhos são ocorrências comuns na vida de uma pessoa normal, por mais que suas características possam diferir das produções de nossa vida desperta" (Freud, 1938, p.191).

O sonho estabelece um solo seguro para a generalização da hipótese freudiana do inconsciente. A partir de seu estudo, a divisão do aparelho psíquico pode se afirmar, não como uma falha ou deficiência dos estados patológicos, mas como a própria estrutura do psiquismo humano. Freud acredita que as diferenças observadas entre os neuróticos e as pessoas normais são apenas quantitativas e não qualitativas (cf., Freud, 1900, p.399). Comparando o estudo dos sonhos com o das fobias histéricas, as obsessões e os delírios, ele diz que, se a importância prática dos sonhos é pequena, seu "*valor teórico como paradigma é, por outro lado, proporcionalmente maior*"(Freud, 1900, p. XXXi).

A partir do material reunido por Freud na "*Traumdeutung*", concentraremos nossa atenção nos processos inconscientes que participam da elaboração onírica, na tentativa de esboçar os traços principais do trabalho inconsciente. Abordaremos aquilo que Freud denominou processo primário, constituído de condensações e deslocamentos, e algumas outras peculiaridades do trabalho inconsciente desenvolvidas a partir de suas considerações

sobre a representabilidade neste registro psíquico. Por fim, trataremos de impasses colocados ao processo interpretativo a partir do próprio trabalho inconsciente.

1.2 - Trabalho do inconsciente e trabalho da interpretação

Em sua análise dos sonhos, Freud estabelece dois extratos: O "conteúdo manifesto" ou apenas "conteúdo onírico" - aquilo de que o sonhador se recorda do sonho ao acordar, que pertence ao registro consciente. E os "pensamentos latentes" ou somente "pensamentos oníricos" - algo a que se tem acesso exercendo sobre o conteúdo manifesto o trabalho de interpretação. O conteúdo manifesto é apontado como um substituto distorcido dos pensamentos latentes, matéria prima com que são feitos os sonhos.

Segundo Freud, há uma censura que se exerce entre o registro inconsciente e o registro consciente. Essa censura é a responsável pela distorção sofrida pelos pensamentos latentes. Como esses pensamentos representam desejos inconscientes, não aceitáveis pela consciência, sua forma distorcida ou disfarçada permite que acedam à mesma sem provocar conflitos (cf. Freud, 1900, pp.328/329).

O processo pelo qual um pensamento onírico latente se transforma em conteúdo onírico manifesto constitui o trabalho ou "elaboração dos sonhos" - correlato do próprio trabalho de interpretação. Se o sonho trabalha em uma direção, o analista, ao interpretar, deve seguir exatamente o caminho inverso. Partir do relato do sonho, buscando encontrar os pensamentos que deram origem ao mesmo, o desejo ou desejos inconscientes que por meio desse sonho disfarçadamente se realizaram.

Para explicar a tarefa do analista em relação aos dois extratos dos sonhos, Freud se utiliza da seguinte comparação:

“Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto, em duas linguagens diferentes. Ou, mais aproximadamente, o conteúdo onírico parece uma transcrição dos pensamentos oníricos em um outro modo de expressão, cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir comparando o original e a tradução” (Freud, 1900, pp.295/296).

Há leis que organizam a passagem de latente a manifesto, e vice-versa. Essas leis dizem respeito ao trabalho inconsciente e Freud nos fala delas através de comparações com fatos da ordem da linguagem - dimensão sempre presente em suas elaborações. Não é preciso esperar por Jacques Lacan para isso. Ao dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, Lacan está apenas seguindo as indicações do texto freudiano, conforme veremos no capítulo dedicado às contribuições deste autor.

O sonho congrega duas características fundamentais: É algo que possui um sentido. E esse sentido não é dado, aparente, exige um trabalho de deciframento.

“Como alguma carta cifrada, a inscrição onírica, quando examinada de perto, perde a sua primeira aparência de disparate e assume o aspecto de uma mensagem séria e inteligível. Ou, para variar ligeiramente a figura, podemos dizer que, como um palimpsesto, o sonho revela, sob seus caracteres superficiais destituídos de valor, vestígios de uma comunicação antiga e preciosa” (Freud, 1900, p.145).

Freud nos diz que os sonhos são formados basicamente por imagens. Mas esse caráter de imagem do sonho é associado por ele à idéia de escritura², imagens relacionadas entre si, que revelam um sentido para além de sua aparência primeira.

É da relação entre as imagens e as palavras que Freud retira a inspiração para nos propor um caminho a seguir na interpretação dos sonhos. Ele sugere que comparemos o texto do sonho a um rébus - um enigma de figuras. O rébus, tratado como uma composição

pictórica, não faz sentido. Mas esta não é a forma adequada de solucionar o enigma por ele representado, assim como não podemos tentar interpretar um sonho a partir das leis que regem nosso pensamento consciente. O caminho por ele indicado para decifrar um rébus é o seguinte:

"...substituir cada elemento separado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de uma maneira ou de outra. As palavras que juntamos dessa forma não deixam mais de fazer sentido, mas podem formar uma frase poética da maior beleza e significado" (Freud, 1900, p. 296).

Assim como o exemplo do rébus, o resultado da interpretação dos sonhos pode realmente apresentar um significado importante para o sonhador, mas não exatamente de grande beleza. Os desejos inconscientes que participam da formação dos sonhos chegam a ser caracterizados por Freud como *"francos porém brutais"* (Freud, 1932, p.268). De onde viria essa beleza de que nos fala Freud? Acreditamos que se trate aí da beleza do trajeto mais que de seu destino, beleza do trabalho de interpretação e de seu correlato - o trabalho inconsciente.

Uma vez que a interpretação segue o caminho inverso da elaboração onírica é importante entendermos como se dá essa elaboração ou trabalho inconsciente. Freud a resume em dois mecanismos fundamentais, a condensação e o deslocamento, *"fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos"* (Freud, 1900, p.328). Encontraremos no estudo sobre *"A psicopatologia da vida cotidiana"* (1901) e também no livro *"Os chistes e sua relação com o inconsciente"* (1905) esses mesmos mecanismos fundamentando a elaboração inconsciente dos chistes e atos falhos. Esse fato nos permite caminhar no sentido de estabelecer as leis gerais do funcionamento inconsciente, seja

² Há um trecho em que Freud diz tratar o sonho como se fosse a "Sagrada Escritura" (Freud, 1900, p.548).

ele relacionado à formação dos sonhos, dos chistes, atos falhos ou finalmente dos sintomas - cuja abordagem realizaremos no capítulo 2.

1.3 A condensação

A condensação é o mecanismo com o qual Freud abre seu capítulo sobre a elaboração dos sonhos. Ele nos diz que o simples confronto da extensão do conteúdo manifesto com a extensão dos pensamentos latentes - encontrados na interpretação do sonho - demonstra que um trabalho de condensação se efetua na passagem de um nível para o outro. *"Os sonhos são breves, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos"* (Freud, 1900, p.297). As associações produzidas livremente a partir de um fragmento do sonho conduzem a múltiplos pensamentos que se mostram intimamente ligados ao mesmo.

A título introdutório, como é de seu estilo, Freud coloca alguns obstáculos ao seu raciocínio, antes de prosseguir em sua exposição. Um deles é o seguinte: se alcançamos os pensamentos oníricos através da associação livre, por mais que ela parta de fragmentos do sonho, não é provável que apareçam nesse momento cadeias de pensamento que não tiveram nada a ver com sua formação? Como garantir que a associação livre conduzirá realmente aos pensamentos oníricos?

Se Freud propõe aos seus pacientes que falem livremente do assunto que lhes vier a cabeça é por acreditar que, na verdade, não há liberdade e sim determinação, determinação inconsciente. Cada uma das ligações superficiais encobre uma outra mais profunda que conduz ao que interessa na interpretação dos sonhos. Por mais que um pensamento possa surgir pela primeira vez na análise, ele está sempre ligado de alguma forma à cadeia

inconsciente dos pensamentos que contribuíram para a formação do sonho relatado. As associações terminam por desembocar em um pensamento essencial para a interpretação, o qual não poderia ter sido alcançado de outra forma (cf. Freud, 1900, pp.298/299).

Vejamos então como se dá o trabalho de condensação. Sendo o conteúdo latente mais extenso que o manifesto, poderíamos imaginar que alguns dos pensamentos latentes são omitidos do conteúdo manifesto. Qual o motivo dessa aparente omissão? Será que eles não estariam aí representados de forma alguma? Se assim fosse, como seria possível que a interpretação chegasse até eles? A questão fundamental para Freud ao tratar da condensação observada nos sonhos é descobrir o critério que faz com que alguns pensamentos participem diretamente da forma manifesta do sonho e outros não.

Buscando esse critério de seleção, ele se depara com algo que nomeia "*pontos nodais*" do sonho. Esses pontos seriam aqueles para os quais convergem vários pensamentos oníricos, isto é, pontos que são "*super-determinados*" ou sobredeterminados. Ocorre também de um pensamento latente estar representado em vários conteúdos do sonho. O resultado é um "*entrelaçamento especialmente engenhoso de suas relações recíprocas*" (Freud, 1900, pp.304/305). A sobredeterminação é um primeiro fator que facilita a penetração de um elemento no conteúdo onírico.

Vários métodos são utilizados no trabalho de condensação. Um dos exemplos apresentados no livro dos sonhos é a ação da condensação sobre figuras de pessoas. Freud nos diz que o trabalho dos sonhos pode utilizar a forma corporal de uma pessoa para condensar características de várias outras, como a figura de Irma em um sonho seu³. Irma

³ O tratamento de Irma data de 1895 e o sonho é do mesmo ano, já findo o tratamento. Este é considerado por Freud seu primeiro sonho submetido a uma interpretação pormenorizada. Tão fundamental foi seu papel, que ele diz que ali lhe foi revelado o segredo dos sonhos. O relato detalhado deste sonho se encontra nas páginas 113 a 130 de "A Interpretação dos Sonhos".

representava a partir de seus gestos, características ou comportamentos, várias pessoas ligadas ao sonhador, como outras pacientes, sua filha e sua esposa. Irma entra em seu sonho como uma “*figura coletiva*”, representante de todas as outras que sofreram o trabalho de condensação (cf., Freud, 1900, p.312). As figuras coletivas podem também se formar reunindo traços físicos de algumas pessoas numa única imagem, por exemplo, a voz de um, o nariz ou a barba de outro, e assim por diante. Finalmente, uma terceira forma pela qual a condensação age sobre as figuras de pessoas é realçando os traços comuns, enquanto os diferentes ficam indistintos.

O processo de condensação se torna ainda mais claro, segundo Freud, quando ocorre com palavras e nomes.

“ É verdade, em geral, que as palavras amíde são tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão são capazes de se combinarem justamente da mesma forma que o são as apresentações de coisas concretas” (Freud, 1900, p.315).

Ele nos diz que assim como as imagens, as palavras sofrem no inconsciente todo tipo de deformação, podendo ser divididas em partes e essas partes reunidas formando palavras sem sentido. Podem também sofrer pequenas deformações, trocando-se uma sílaba por outra e assim por diante.

Essa problemática será desenvolvida anos mais tarde em seu artigo “*O inconsciente*” (1915). De forma resumida ele nos dirá nesse texto, que a “*apresentação*” ou representação psíquica de um objeto tem duas dimensões: A representação-coisa, e a representação-palavra. As representações-coisa são apontadas como traços dos primeiros investimentos objetivos, enquanto as representações-palavra vem a elas se associar num segundo momento. As representações inconscientes de um objeto teriam apenas a dimensão de coisa, enquanto as

representações conscientes seriam a união da representação-coisa à representação-palavra a ela associada. No registro psíquico inconsciente, os investimentos se deslocam livremente entre as representações-coisa, segundo as leis do processo primário. Já nos registros pré-consciente/consciente, esses investimentos se dão segundo as leis do processo secundário, respeitando certos limites logicamente aceitáveis.

A elaboração inconsciente do sonho tem como material básico as representações-coisa; é só no momento em que o sonhador procura se lembrar de seu sonho para relatá-lo, ou não, que associa a essas imagens (representações-coisa) as palavras (representações-palavra) (cf., Freud, 1915, pp.229/230).

Reproduziremos aqui um sonho apresentado por Freud, a título de exposição do método de interpretação, num caso onde está em jogo essa problemática da deformação das palavras. Vale lembrar que a tradução diminui muito o alcance destes exemplos, traindo parte do que os textos têm de mais contundente, como bem lembra um chiste citado por Freud: "*Traduttore - Traditore*" (Freud, 1905c, p.48).

De manhã ao acordar, o sonhador lembrou-se de um fragmento de um sonho que era uma palavra sem sentido, inventada: "*erzefilisch*". A palavra apareceu para ele como que impressa, e em meio a uma frase totalmente isolada de qualquer lembrança consciente. A frase era: "*Isso tem uma influência erzefilisch sobre as emoções sexuais*".

Sua primeira associação foi que essa palavra deveria ter sido "*erzieherisch*" que quer dizer educacional. Uma dúvida em relação ao segundo "*e*" da palavra, que poderia também ser pronunciado como o nosso "*i*"⁴, o conduz a uma nova associação: a palavra "*syphilis*".

⁴ Como acrescenta Strachey, em nota de rodapé, se a sílaba acentuada da palavra sem sentido (*erzefilisch*) for *ze*, é pronunciada aproximadamente como o inglês *isay*. Se for *zi*, é pronunciada aproximadamente como o inglês *tsee*, e é isso que aproxima sua pronúncia da primeira sílaba de *syphilis*.

Começa então a tentar descobrir o motivo dessa última palavra ter entrado em seu sonho, já que não tinha nada a ver com a sífilis. Lembra-se então de que sua governanta (*Erzieherin*) pediu-lhe na noite anterior que lhe falasse sobre o problema da prostituição. Como ela era uma pessoa cuja a vida emocional não era lá muito normal, resolveu lhe dar um livro para influenciar a mesma. Depois disso, haviam conversado (*erzählt*) muito. Só então entendeu que a palavra "*sypilis*" devia ser tomada em seu sentido figurado, como "*poison*", veneno em relação à vida sexual. Interpretados os seus extratos, o sonho pode ser sintetizado numa construção que se revela lógica:

"Minha conversa (Erzählung) destinava-se a ter uma influência educacional (erzieherisch) sobre a vida emocional de nossa governanta (Erzieherin); mas temo que tenha tido ao mesmo tempo um efeito venenoso" (Freud, 1900, p.323).

Freud conclui dizendo que, não apenas as palavras inventadas sofrem esse tipo de condensação, também as palavras com sentido podem perdê-lo para servir aos fins da condensação, remetendo a várias outras ligadas a pensamentos latentes.

1.4 O deslocamento

Examinemos agora o segundo mecanismo que participa do funcionamento inconsciente - o deslocamento. O deslocamento é sugerido a Freud a partir da seguinte constatação: ao seguir as associações suscitadas pelos elementos de um sonho, um elemento que se apresenta muito claro, ganhando importância para o sonhador, freqüentemente não desemboca em pensamentos latentes significativos. Entretanto, um elemento que ocupa uma

parte insignificante na lembrança do sonhador, uma mera alusão ou detalhe do sonho, pode conduzir ao núcleo dos pensamentos latentes, permitindo revelar um desejo inconsciente.

“O sonho é, por assim dizer, diferentemente centrado a partir dos pensamentos oníricos - seu conteúdo tem diferentes elementos como ponto central” (Freud, 1900, p.325).

Na vida desperta, quando alguma idéia adquire para nós vivacidade na consciência, costumamos considerar isso como prova de seu valor psíquico. Algum grau de interesse está ligado a essa idéia. No sonho, entretanto, isso não acontece da mesma forma. A hipótese de Freud é que o trabalho do sonho desloca ou transfere⁵ a intensidade ou valor psíquico das idéias que formam o núcleo dos pensamentos do sonho para outras idéias insignificantes (cf. Freud, 1900, p.328).

No entender de Freud, as idéias que formam o núcleo do sonho são sempre desejos infantis, ligados às mais remotas inscrições psíquicas. Quanto aos elementos de baixo valor, podemos dizer que são basicamente de dois tipos. O primeiro são idéias aparentemente indiferentes e o segundo os restos diurnos, impressões ou lembranças do dia anterior ao sonho. A razão para a utilização deste material está diretamente ligada à uma exigência da censura onírica, assim formulada:

“Posso acrescentar que a razão pela qual estes elementos recentes e indiferentes tantas vezes se insinuam em sonhos, como substitutos dos mais antigos de todos os pensamentos oníricos, é que eles tem menos a temer da censura imposta pela resistência. Entretanto, enquanto o fato de que elementos triviais sejam preferidos é explicado por sua liberdade quanto à censura, o fato de elementos recentes ocorrerem com tal regularidade aponta para a existência de uma necessidade de transferência. Ambos os grupos de impressões satisfazem à exigência que tem o reprimido de material que ainda se ache isento de associações - os indiferentes porque não tiveram

⁵ O termo transferência é utilizado neste texto quase que como sinônimo de deslocamento. Só mais tarde ele passa a especificar o investimento (derivado de um deslocamento) relativo à imagem do analista.

ocasião para a formação de muitas ligações e os recentes porque ainda não tiveram tempo para formá-las” (Freud, 1900, p.600).

Ao tratar do trabalho de condensação, podia parecer que o único elemento que contribuía para a escolha das idéias que figuravam no sonho era o número de determinações das mesmas, o grau de sobredeterminação. Mas aqui entra um outro fator em jogo, a intensidade psíquica dessas idéias. Como, é claro, os dois fatores da elaboração dos sonhos (condensação e deslocamento) devem trabalhar em conjunto, a explicação encontrada por Freud é a seguinte: Por um lado, o deslocamento despoja os elementos de alto valor psíquico de sua intensidade; por outro, a sobredeterminação cria, a partir de elementos de baixo valor, novos valores que virão a aparecer no sonho (cf. Freud, 1900, pp.326-328).

O deslocamento é um dos mecanismos mais desconcertantes descobertos por Freud. Quando se examina uma pensamento em psicanálise, tem que se estar atento a este caráter escorregadio dos investimentos inconscientes, à possibilidade de que um pensamento carregue o investimento que cabia a outro associado a ele por mera contiguidade e não por uma característica que lhes seja comum, como na condensação.

1.5 - Considerações sobre a representabilidade no Ics.

Para além das condensações e deslocamentos, algo mais chama a atenção de Freud. Trata-se da forma especial com que os sonhos se apresentam. Ele parte do fato de que os sonhos são constituídos de imagens e, assim sendo, enfrentam algumas dificuldades para representar certos pensamentos mais abstratos ou formais.

Aproximando o sonho e a pintura, nos diz que ambos se deparam com esse mesmo problema, e se põe a procurar os meios pelos quais um conjunto de imagens pode chegar a representar aquilo que não se apresenta de forma substantiva e concreta.

Para Freud, todo o material produzido ao longo de uma interpretação não tem o mesmo valor. Há os pensamentos oníricos essenciais, substantivos, e uma multiplicidade de outros pensamentos ligados por uma intrincada estrutura. Na elaboração dos sonhos, como já vimos anteriormente, esses pensamentos essenciais sofrem aglutinações decorrentes da condensação, assim como deslocamentos. E ele se pergunta o que acontece aos outros pensamentos, responsáveis pelas conexões entre os pensamentos principais.

As conexões lógicas que tornam um discurso compreensível são representadas no pensamento de vigília por expressões como “‘se’, ‘porque’, ‘como’, ‘embora’, ‘ou...ou’, etc.” (Freud, 1900, p.332). O sonho não dispõe de meios adequados para representar essas relações. “*A restauração das conexões lógicas que a elaboração do sonho destruiu é uma tarefa que tem que ser realizada pelo processo interpretativo*” (Freud, 1900, p.332).

Freud conclui que essa característica dos sonhos advém do próprio trabalho inconsciente que despreza fatores sem os quais nosso pensamento na vida de vigília dificilmente cumpriria sua função. Não só as relações causais, como várias outras conexões lógicas internas ao pensamento não tem representação inconsciente. Essas relações são supridas por representações indiretas, externas aos pensamentos. Relações tais como a simultaneidade no tempo, a contiguidade espacial ou a similaridade fônica (cf. Freud, 1905c, p.196).

Dois elementos nunca são reunidos em um sonho ou qualquer outra formação inconsciente ao acaso, trata-se sempre de procurar a relação lógica que liga os pensamentos aparentemente reunidos aleatoriamente (cf. Freud, 1900, pp.334/335).

As relações causais entre dois pensamentos oníricos, por exemplo, podem ser representadas de duas maneiras. A primeira delas consiste em dividir o sonho em duas partes desiguais. Um sonho introdutório ou final e um sonho principal (a parte mais extensa). Segundo Freud, podemos estabelecer uma relação de causalidade entre os pensamentos representados por essas duas partes do sonho. A parte introdutória ou final costuma representar um pensamento que depende do (é causado pelo) pensamento principal, relacionado à parte mais extensa do sonho (cf. Freud, 1900, pp.335/336).

A outra maneira apontada por Freud para representar uma relação causal consiste na utilização de uma imagem sendo transformada em outra, de forma clara, no conteúdo manifesto do sonho. Através de uma generalização, ele conclui que os dois métodos se utilizam da seqüência no tempo para representar a relação causal, seja a seqüência das partes de um mesmo sonho, seja a seqüência de imagens isoladas.

“Numa psicanálise aprende-se a interpretar a propinquidade no tempo como representativa de conexão na matéria. Dois pensamentos que ocorrem em seqüência imediata sem qualquer conexão aparente são, na realidade, parte de uma só unidade que tem que ser descoberta; exatamente da mesma forma, se escrevo um ‘a’ e um ‘b’ em sucessão, eles tem de ser pronunciados como uma única sílaba ‘ab’ ” (Freud, 1900, pp.262/263).

A relação alternativa entre dois pensamentos - “ou...ou”, por exemplo, também não encontra representação no sonho, estando os dois pensamentos a ela ligados representados como igualmente válidos. Porém, se o sonhador se sente em dúvida quanto a um elemento do sonho, não podendo afirmar com certeza tratar-se de uma coisa ou outra, Freud nos diz para

desprezarmos essa dúvida e considerarmos as duas alternativas. Essa observação se encaixa numa regra mais geral ligada à questão da certeza, que é assim formulada:

“ao analisar um sonho, insisto que toda escala de certeza seja abandonada e que a mais débil possibilidade de que algo desta ou aquela sorte possa ter ocorrido no sonho seja tratada como uma certeza completa” (Freud, 1900, p.551).

Outra categoria que dificulta a elaboração dos sonhos é a das *“contradições e antíteses”*. Freud nos diz que o registro inconsciente, responsável pela formação dos sonhos, não abarca a negação. *“‘Não’ não parece existir nos sonhos”* (Freud, 1900, p.339). Geralmente os contrários são combinados numa unidade ou representados por uma única imagem. Dessa forma, quando um elemento admite um contrário, não se pode saber se o que está presente nos pensamentos o está como positivo ou negativo.

Há também situações onde o conteúdo do sonho representa *“justamente o contrário”* do pensamento que lhe deu origem. Geralmente, em casos como estes, a elaboração do sonho realizou uma inversão para fugir à censura. Essa inversão pode atingir o assunto ou a seqüência lógica do sonho. Por exemplo: um pensamento ou acontecimento que é a causa de outro, na elaboração onírica passa a funcionar como a conseqüência e vice-versa.

Freud realizou a separação entre pensamentos principais e pensamentos de ligação, ou conexões lógicas. Mas, após se embrenhar na pesquisa de como os sonhos representam essas conexões, ele decide generalizar suas *“considerações sobre a representabilidade”* para todos os pensamentos (principais ou de ligação) como mais um dos fatores que participam da elaboração onírica, juntamente com a condensação e o deslocamento (cf. Freud, 1900, p.366).

O sonho se utiliza sempre de imagens e os pensamentos subsidiários ou de ligação são escolhidos por sua facilidade de representação através de imagens. Porém, mesmo os pensamentos principais, que fundam o sonho, também não escapam a esse critério. Caso

sejam inadapáveis às condições do sonho, a elaboração onírica procura remodelá-los em uma nova forma verbal.

Freud compara a formação do sonho à criação poética. Se você quer expressar algo num poema com rimas, terá que procurar a forma adequada para tal. Porém, o melhor mesmo é quando os dois pensamentos já se aproximam, não só por seu conteúdo, mas também a partir de sua forma verbal e não é necessário ficar procurando a palavra que feche a rima (cf. Freud, 1900, p.362).

Já havíamos descrito o processo de deslocamento através do qual um elemento ou idéia pode ser substituído por outro, e agora vemos que também a forma verbal de um elemento do Ics pode ser substituída por outra.

Nos sonhos, que trabalham com imagens, costuma acontecer que uma expressão verbal sem graça e abstrata dê lugar a uma outra, "*pictórica e concreta*"; as expressões concretas são mais facilmente representadas que as abstratas. O caráter fantástico ou absurdo dos sonhos se deve geralmente a esse processo e serve como disfarce para os pensamentos que assim se expressam (cf. Freud, 1900, p.361).

Novamente temos aqui um Freud muito ligado ao papel que as palavras e a linguagem desempenham no psiquismo. Ele nos diz que "*em todas as línguas, os termos concretos, em consequência da história de seu desenvolvimento, são mais ricos em associações do que os conceituais*" (Freud, 1900, p.362).

O papel central das palavras na teoria freudiana advém do seguinte fato: além de favorecerem a produção dos chistes e a elaboração dos sonhos, elas estão também na base dos sintomas neuróticos. É isso que fornece seu valor clínico inestimável, conforme veremos no segundo capítulo ao abordarmos a noção de sintoma.

“As palavras, visto serem os pontos nodais de numerosas idéias, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade; e as neuroses (por exemplo, no formar obsessões e fobias), não menos que os sonhos, se utilizam francamente das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce” (Freud, 1900, p.363).

Ambigüidade, acúmulo de significações. Essas são características das palavras que se apresentam a Freud em sua clínica. Podemos acrescentar a elas a materialidade, fonte do uso que o inconsciente faz das palavras, tratando-as como coisas. Em nosso quarto capítulo, veremos como a leitura lacaniana da obra freudiana valoriza essas observações e redimensiona nosso entendimento do trabalho inconsciente, partindo da noção de significante como unidade lingüística e desenvolvendo até as últimas conseqüências a idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem.

1.6 - O trabalho Ics e alguns impasses do processo interpretativo.

Examinamos acima os três processos principais envolvidos na elaboração onírica⁶. A condensação, o deslocamento e a representação indireta. Mecanismos inconscientes que fornecem o solo sobre o qual Freud pode fundamentar o processo interpretativo.

Freud nos diz que o processo interpretativo segue o caminho inverso da elaboração onírica. Ele parte da idéia que os sonhos possuem um conteúdo manifesto, ligado à pensamentos latentes e se põe a desvendar quais são os mecanismos psíquicos responsáveis pela passagem dos últimos aos primeiros. E como faz isso? Sujeitando os sonhos à interpretação. Correlativamente ao sucesso que obtém com suas interpretações, Freud vai

⁶ Na formação dos sonhos há ainda um quarto mecanismo em jogo, denominado elaboração secundária, que não será tratado aqui por ser específico aos sonhos.

formulando os processos psíquicos que devem ocorrer na elaboração dos sonhos para que cheguem até nossa consciência tal qual nos chegam.

Em se tratando da forma como chegam os sonhos à nossa consciência, consideremos primeiramente de seu aspecto condensado. Um mesmo fragmento costuma estimular no sonhador associações que desembocam em mais de um pensamento latente significativo. Quanto mais associações o sonhador produz, mais interpretações podem ser dadas ao seu sonho. A forma condensada do sonho permite sempre uma interpretação a mais.

“de fato, nunca é possível estar-se certo que um sonho foi completamente interpretado. Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta sempre a possibilidade de que o sonho possa ter ainda outro significado” (Freud, 1900, p.297).

Se a forma condensada do sonho impõe um limite à possibilidade de esgotar sua interpretação, um outro limite com que nos deparamos advém, não do conceito de condensação, e sim dos de deslocamento e de representação indireta. Freud nos diz que, diante das múltiplas formas com que pode ser abordado um fragmento do conteúdo manifesto do sonho, o intérprete está sempre numa posição delicada. Ele nunca sabe se um elemento deve ser tomado em seu sentido positivo ou negativo; se deve ser considerado como uma lembrança; se deve ser interpretado simbolicamente ou, por fim, se a interpretação deve considerar a forma verbal com que está sendo expresso (cf. Freud, 1900, p.363).

Condensação e interpretação insuficiente, deslocamento e interpretação vacilante. O fato é que, seja perseguindo o outro significado ainda desconhecido, seja tateando em busca da interpretação mais adequada, Freud estimula o sonhador a produzir novas associações. E é desta maneira que ele chega ao que aqui nos interessa: um ponto onde as associações

deslizam em várias direções não contribuindo mais para a elucidação do sonho. A esse ponto dá o nome de "*umbigo dos sonhos*".

O umbigo dos sonhos é assim definido: "*Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável - um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido*" (Freud, 1900, p.119). É muito significativo que essa observação tenha sido feita justamente a propósito da interpretação do sonho da injeção de Irma. Momento caracterizado por Freud como aquele que lhe revelou o mistério dos sonhos. Desde sempre, interpretação e limite se apresentam para o fundador da psicanálise como indissociáveis.

Ainda na "*Traumdeutung*", nos é apresentada uma outra imagem para o umbigo dos sonhos, também ela muito reveladora:

"Há freqüentemente uma passagem, mesmo no sonho mais completamente interpretado, que tem de ser deixada obscura; isso se deve a que, durante o trabalho de interpretação, damos conta de que nesse ponto existe uma meada de pensamentos oníricos que não pode ser desemaranhada e que, além disso, não acrescenta nada ao nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o ponto central do sonho, o ponto de onde ele mergulha para o desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, possuir qualquer término definido; acham-se obrigados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É num certo lugar em que essa malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio" (Freud, 1900, p.560).

Essa definição do umbigo é muito importante por associar a impossibilidade de levar uma interpretação a um fim definido à "*natureza das coisas*" - a saber, à própria constituição do desejo. O desejo é algo que carrega consigo uma relação intrínseca e necessária com o desconhecido, com o insondável. Não se trata de uma incompletude de fato, constatada nesta ou aquela interpretação de sonho, relativa a uma impotência do método, e sim, algo de

direito, que diz respeito à própria estrutura dos sonhos. E, seguindo a hipótese freudiana de que as conclusões retiradas do estudo dos sonhos podem ser estendidas às outras formações do inconsciente, podemos dizer que o limite em que esbarra a interpretação de qualquer formação psíquica é estrutural e não devido a qualquer deficiência do mecanismo da interpretação.

Capítulo 2

A INTERPRETAÇÃO DOS SINTOMAS2.1 - O sintoma faz parte da história

Vimos, no capítulo anterior, como Freud fundamenta a interpretação nos mecanismos inconscientes responsáveis pela formação dos sonhos. Sabemos desde a "*Traumdeutung*" que ele estabelece uma correlação direta entre o sonho e os sintomas neuróticos. Os mesmos mecanismos inconscientes contribuem para a formação de ambos.

A diferença fundamental entre essas duas formações do inconsciente é que o sintoma está ligado àquilo que leva alguém a procurar um tratamento analítico. Não se procura tratamento para saber dos sonhos, e sim, para se livrar de um sofrimento. Mas, o grande salto dado por Freud foi perceber que o sintoma não estava separado da história que o paciente trazia, não era algo sem relação com tudo mais do que falava.

O sintoma cumpre um papel na economia psíquica daquele que quer dele se livrar. E é por isso que não pode ser tratado sem levar em conta o que o envolve; não há como intervir sobre o sintoma pontualmente, suas amarrações só podem ser decifradas aos poucos, por partes, indiretamente. Não é possível tratar do sintoma sem afetar as identificações do paciente, sua forma de satisfação, enfim, sua própria relação com a realidade que o cerca.

Esse papel cumprido pelo sintoma na economia psíquica é duplo, daí toda dificuldade em abordá-lo. Se por um lado ele traz incômodos e sofrimento, por outro ele carrega em si algum tipo de satisfação. O sintoma, tal qual o sonho, é definido por Freud como a realização de um desejo inconsciente. Mas não só, ele representa em si este desejo e a defesa contra o

mesmo, é uma formação de compromisso entre a instância reprimida e a instância repressora. Daí seu caráter aparentemente sem sentido: o desejo que aí se realiza o faz de forma disfarçada, deformada.

Gostaríamos de ilustrar a relação entre o sintoma e o inconsciente a partir da clínica freudiana das psiconeuroses. Escolhemos trabalhar um caso clínico de Freud: o “*Caso Dora*”. Este caso foi interrompido prematuramente e ele procura em seu relato esboçar os motivos, as falhas que conduziram a sua interrupção.

2.2 - Interpretação no caso Dora.

O ‘Caso Dora’ foi escrito em sua maior parte em 1901, logo depois de “*Interpretação dos sonhos*”. Segundo o próprio Freud, este caso é uma aplicação das leis estabelecidas para a interpretação dos sonhos no tratamento de um caso de histeria. Em correspondência com Fliess, adianta que seu nome seria “*Sonhos e Histeria: fragmentos de uma análise*” (cf. Masson, 1985, p.433), o que na realidade não aconteceu. O caso só foi publicado em 1905 e recebeu o nome de “*Fragmentos da análise de um caso de histeria*”⁷. A partir desses fragmentos, poderemos constatar que os mesmos mecanismos que já havíamos acompanhado nos sonhos estão na base dos sintomas histéricos.

Na exposição do quadro clínico de Dora, Freud parte das informações trazidas pela paciente e, mais que isso, da forma pela qual se faz seu relato: com “*lacunas não preenchidas, enigmas não respondidos..., conexões incoerentes..., seqüências incertas...*” (Freud, 1905a⁸, p.14) etc. Longe de considerar isso um obstáculo ao seu trabalho,

⁷ Freud, S. Obras Completas, vol. VII, p.5-119.

⁸ A forma usual de datar esse texto é informando tanto a data de publicação, quanto a data em que foi escrito (1905[1901]), dispensaremos aqui essa informação, uma vez que ela já foi dada. As referências aparecerão apenas com a data da publicação (1905).

ou procurar a verdade dos fatos em outro lugar, como nos relatos da família, ele toma essa forma peculiar do discurso de Dora como uma confirmação da teoria das neuroses.

Quando o discurso de um paciente se apresenta com as características acima mencionadas, significa que o material inconsciente está em questão. O sintoma histérico tem seu fundamento num pensamento inconsciente reprimido que, não podendo vir à consciência, encontra representação através das inervações corporais. Logo, a forma aparentemente falha das lembranças históricas *“é um correlativo necessário dos sintomas e teoricamente indispensável”* (Freud, 1905a, p.16).

O objetivo do tratamento, nos diz Freud, é desfazer os sintomas através da interpretação, possibilitando a substituição dos mesmos por pensamentos conscientes. Sendo que a remoção das falhas de memória coincide com a dos sintomas.

Um sintoma apresenta duas dimensões: a psíquica e a somática. A primeira aponta para o fato de sua importância ou significado psíquico, ligado aos pensamentos reprimidos. Essa dimensão do sintoma tem uma peculiaridade interessante, que já havia sido observada antes por Freud a respeito dos sonhos⁹: *“O sintoma histérico não tem esse significado, em si, mas tem o significado que se lhe empresta, soldado a ele, por assim dizer”* (Freud, 1905a, p.38).

A segunda dimensão está ligada ao que Freud chama a *“submissão somática”* oferecida por um órgão corporal. A origem dessa submissão é uma atividade normal ou patológica a que tenha sido submetido o órgão ou zona erógena na primeira infância (cf. Freud, 1905a, pp.38 e 49). O lado somático de um sintoma histérico é apontado ainda como *“o mais estável dos dois, sendo o mais difícil de se substituir”* (Freud, 1905a, p.51). Não se

⁹ Cf “Interpretação dos Sonhos” p.493/494.

cria facilmente uma conversão nova, ao passo que um pensamento que encontra descarga na mesma pode ser facilmente substituído por outro. A técnica freudiana privilegia a via segundo a qual, através da significação psíquica do sintoma, chega-se a tocar o seu lado somático.

Um sintoma pode ter várias significações psíquicas, porém, Freud encontra uma base comum a todas elas: o sintoma é a realização de um desejo sexual, a representação da "*realização de uma fantasia de conteúdo sexual*" (Freud, 1905a, p.44). Não só sexual, como perverso, uma vez que tem sua base na "*disposição sexual indiferenciada das crianças*" (Freud, 1905, p.47), muito bem denominada em "*Três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade*" de perverso - polimorfa¹⁰.

Se na "*Interpretação dos Sonhos*" Freud não chega a afirmar o sentido sexual das realizações de desejos infantis¹¹, agora ele não deixa mais dúvidas: sintoma e sonho representam ambos a realização de um desejo infantil de caráter sexual.

E, como já havíamos visto, representam de forma dissimulada, acessível à consciência apenas após serem interpretados. O trabalho inconsciente se aproveita das características ambíguas das palavras para permitir que o desejo se realize de forma disfarçada, de forma aparentemente sem sentido para o neurótico. E daí a importância da delimitação dos mecanismos inconscientes, tal qual acompanhamos em nosso primeiro capítulo. A interpretação freudiana só se sustenta por seguir um caminho inverso ao desses mecanismos, mecanismos que veremos em ação na formação dos sintomas de Dora¹².

Já acentuamos que uma das primeiras características observadas por Freud nos sonhos é a existência de um conteúdo manifesto com múltiplas significações, dito de outra forma,

¹⁰ Optamos por essa tradução, praticamente consagrada no meio psicanalítico, apesar de na Edição Standard das Obras Completas constar o termo 'perverso multiforme', conferir "*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*", v. VII, p.246.

¹¹ Cf. "*Interpretação dos sonhos*" p.644/645.

sobredeterminado. Esta característica se deve basicamente ao mecanismo da condensação, que faz representar em uma imagem manifesta vários pensamentos latentes¹². A sobredeterminação é uma característica encontrada por Freud nos sonhos de Dora e também em seus sintomas. É por serem sobredeterminados que, sonhos e sintomas, estão sempre entrelaçados a vários contextos diferentes, só podendo ser esclarecidos gradativamente.

Tomando os sintomas orais de Dora, tosse, rouquidão, mudez, etc., aparentemente ininteligíveis, tentemos ver que significações psíquicas são apontadas por Freud para esses sintomas e como ele procede à interpretação dos mesmos a partir do material que ela vai lhe trazendo em suas associações.

Neste texto são apresentados dois sonhos trazidos por Dora. Acompanhemos em linhas gerais a interpretação do primeiro deles. Há uma ameaça de incêndio, fogo. Dora associa esse trecho do sonho a uma conversa entre os pais da qual repete a seguinte frase dita pelo pai: *“alguma coisa poderá acontecer durante a noite, de maneira que talvez lhe seja necessário sair do quarto”* (Freud, 1905a, p.62). Freud guarda essa frase por lhe parecer ambígua, podendo se referir também à uma necessidade física que levaria alguém a se levantar durante a noite. Esse tipo de expressão ou palavra ambígua constitui um ponto fundamental em seu método de interpretação. Ele as denomina de *“palavras-desvio”*, numa comparação com as agulhas dos entroncamentos de linhas férreas.

“Se as agulhas forem manobradas da posição em que parecem estar no sonho, então nos encontramos em outro par de trilho; e nesta segunda via correm os pensamentos que procuramos e que ainda jazem ocultos por trás do sonho” (Freud, 1905a, p.62).

¹² Vide seção 1.2 do primeiro capítulo.

¹³ Vide seção 1.3 do primeiro capítulo.

Na primeira oportunidade ele retoma o assunto *fogo* relacionando-o às ameaças feitas às crianças que brincam com fogo de que irão fazer xixi na cama. A interpretação é fundamentada em um mecanismo inconsciente já trabalhado na "*Traumdeutung*"¹⁴, a transformação de um elemento no seu oposto (inversão do conteúdo). A inversão de que se trata é "*fogo → água*". Da ameaça do fogo, chega-se à ameaça de "*molhar-se*" (fazer xixi na cama), usualmente feita às crianças que brincam com fogo. Fazer xixi seria essa alguma coisa que poderia acontecer durante a noite obrigando alguém a sair do quarto.

O "*molhar-se*" é considerado um pensamento intermediário que constitui um ponto nodal do sonho, isto é, um termo sobredeterminado, ligado a várias significações. E é a partir de uma nova cadeia de associações que chegaremos a este outro sentido. Esta cadeia se inicia a partir de outra palavra ambígua - *caixa de jóias* que aparecia no sonho como algo que a mãe de Dora queria salvar do incêndio. *Caixa* é um dos nomes dados aos órgãos genitais femininos (e do qual Dora tinha pleno conhecimento). A ameaça de que a caixa de jóias poderia se queimar é um substituto, por inversão, da idéia de que os órgãos genitais poderiam se molhar, numa referência à masturbação. É por essa via que encontra-se a conotação sexual do sonho: O "*molhar-se*" ligado à leucorréia provocada pela masturbação.

A interpretação do sonho é bastante extensa, e há redes de pensamentos que não tratamos aqui. Mas, basicamente, a exposição de Freud encontra para o sonho um motivo recente ligado aos sentimentos ambíguos de Dora em relação ao Sr. K (desejo e aversão) e ao pai (a quem ela pedia proteção no sonho, mas era na realidade o responsável pelo perigo que corria); e um motivo ligado aos desejos infantis e uma suposta satisfação masturbatória.

¹⁴ Vide seção 1.5 do primeiro capítulo.

Porém, qual é a ponte que une a masturbação aos sintomas orais de Dora? Uma primeira significação destes sintomas é engendrada a partir da palavra “*catarro*”. *Catarro* era a palavra usada por ela para denominar sua leucorréia, fruto de afecção semelhante a que fôra acometida sua mãe. O responsável pela doença da mãe talvez fosse o pai, já que tivera sífilis. *Catarro* se ligava também à doença do próprio pai, uma tuberculose. E Dora o considerava responsável por sua doença manifestada através da tosse. Um mecanismo inconsciente fundamental entra aqui novamente em jogo: o deslocamento¹⁵. O deslocamento sustentado pela palavra *catarro*, dos genitais à garganta, permitiu que Dora, identificada ao seu pai, realizasse a auto reprovação relativa à satisfação masturbatória infantil. Essas conclusões, Freud expõe com palavras emprestadas a Dora:

“Sou filha de meu pai. Tenho um catarro, exatamente como ele. Ele me fez ficar doente, como fez também a mamãe. É por causa dele que tenho estas paixões selvagens, que são punidas com a doença” (Freud, 1905a, pp.79/80).

Atento ao seu caráter sobredeterminado, Freud vê que os sintomas de sua paciente serviam também para representar suas relações com o Sr K. Primeiramente há o beijo dado pelo Sr K, anos antes do episódio do lago, que provocou em Dora repugnância. Sendo a boca uma zona erógena privilegiada por ela, ligada ao ato de sugar desde a tenra infância, Freud supõe que o beijo deve ter lhe provocado excitação. Para manter a idéia ligada a esse sentimento fora da consciência, a excitação se fez representar por seu oposto: a repugnância. A “*inversão do afeto*” - transformação da excitação em repugnância, vergonha, etc. é o mecanismo que Freud encontra na base de toda repressão. Além da inversão do afeto, ele aponta um outro mecanismo em jogo nesse sintoma: o beijo deveria provocar na jovem

¹⁵ Vide seção 1.4 do primeiro capítulo.

excitação - uma sensação genital - mas ao invés disso provocou a repugnância - ligada ao tubo digestivo - logo, supõe ter havido aí um deslocamento dos genitais ao trato digestivo. Outro fato que corrobora para a suposição de deslocamento é a lembrança de uma pressão na parte superior de seu corpo durante o abraço do Sr. K., pressão que ele supõe ser relativa ao contato do pênis ereto dele contra seus genitais (cf. Freud, 1905a, pp.26/27).

A mudez de Dora é outro sintoma associado por Freud ao seu interesse pelo Sr K. Ele nos mostra como chegou a essa interpretação. Dora censurava o pai, dizendo que sua doença era um pretexto para estar com a senhora K. Sabia também que a senhora K. adoecia para escapar aos deveres conjugais para com o senhor K. Exatamente quando relatava estes fatos para Freud, relembra suas próprias alternâncias entre boa e má saúde, se perguntando se haveria alguma dependência entre essas variações e algo mais, assim como a senhora K. Freud, imaginando poder haver alguma relação entre este fato e o senhor K., pergunta sobre a duração de seus ataques de tosse na infância e em seguida sobre a duração das viagens do senhor K. Dora é forçada a admitir a coincidência entre os dois períodos, ela adoecia em sua ausência, demonstrando seu interesse por ele. Interesse que o sintoma representava da seguinte forma: já que não podia falar com ele, a não ser através de cartas, não havia razão para usar sua voz [nesses períodos ela apenas escrevia, mantendo uma correspondência intensa com o Sr. K.]. Essa interpretação, considerada por Freud válida, não provoca a remissão dos sintomas da paciente, o que demonstra que mais alguma significação deveria estar associada aos mesmos (cf. Freud, 1905a, pp.36-38).

A última significação encontrada por Freud é fundamentada num processo de regressão da libido de Dora. A partir do episódio do lago, desencadeador da situação que levou Dora à análise, sua libido abandona a figura do Sr K. e reinveste o pai, dando aos

sintomas sua significação mais recente. Dora, agora identificada à Sra. K., representa com seus sintomas uma relação sexual com o pai. Relação essa que se dá através da felação. A interpretação que culmina nessa construção se dá a partir de uma expressão que Dora usou mais de uma vez para se referir ao pai: "*homem de posses*". A forma como ela usava essa expressão¹⁶ levou Freud a pensar no seu oposto: "*homem sem posses*" que é uma expressão usada também no sentido sexual - "*homem sem recursos*", impotente. O trajeto que se estabelece é: homem de posses → homem impotente. Após essa intervenção, Dora confessa saber sobre a felação, modo pelo qual seu pai impotente se relacionava com a Sra. K; algum tempo depois, a tosse desaparece, confirmando ser a fonte última de seus sintomas (cf. Freud, 1905a, pp.44/45).

O sintomas orais de Dora cumprem as funções que cabem a todo sintoma neurótico - são uma formação de compromisso entre duas forças opostas. Uma, inconsciente, um desejo sexual infantil que procura se realizar através de uma fantasia de cunho perverso - no caso, a fantasia de Dora estava ligada à satisfação da pulsão parcial oral. E outra, relativa à censura desse mesmo desejo que, ao deformá-lo, torna saliente apenas seu caráter de incômodo e nonsense, disfarçando a satisfação aí envolvida.

2.3- Os impasses do Caso Dora.

Nos detivemos nas leis que regem a interpretação dos sonhos e sua aplicação no deciframento dos sintomas histéricos de Dora. Tentaremos articular agora a relação entre as dificuldades que ele aponta como tendo conduzido à interrupção prematura do tratamento e a

¹⁶ Em alemão a pronúncia de '*ein vermögender Mann*' é muito similar à de '*ein unvernögender Mann*'.

problemática da interpretação. Essas dificuldades estão ligadas à transferência de Dora em relação a Freud, e ao papel ocupado pela Sra. K. para ela.

Deixaremos para examinar os problemas relativos à transferência de Dora no terceiro capítulo, seção 3.2, quando tratarmos do papel da transferência no dispositivo analítico. Por enquanto, vamos nos ater ao papel que a senhora K. ocupava para Dora.

Freud nos diz que lhe escapou no caso Dora o cunho e a importância de sua relação com a Sra. K. As duas partilharam durante muito tempo de grande intimidade e Dora lhe dedicara sempre a maior devoção. Ele estranha que a paciente jamais tenha se referido à mesma com qualquer palavra áspera ou rancor, uma vez ela poderia ser considerada como figura central e mesmo responsável por suas desventuras.

Qual era a suposição de Freud? Dora relata ao pai o episódio em que o Sr. K. tentou beijá-la no lago, obrigando-o a pedir satisfações ao amigo. Nessa conversa este senhor nega o episódio, afirmando ser uma invenção da jovem. Além disso, dá informações ao pai sobre leituras e interesses comprometedores de sua filha. Onde poderia ter obtido essas informações se não com sua esposa? Só podia ser com ela que a moça lera e discutira assuntos de cunho sexual e proibido. Logo, era de se esperar que Dora se sentisse traída pela amiga, que sacrificara seus segredos para não perturbar suas relações com seu pai. Mas isto não aconteceu, Dora mantinha uma amnésia particular em relação à fonte de seus conhecimentos de cunho sexual e poupava a amiga do ódio e desejo de vingança que dirigia aos outros envolvidos no episódio.

A hipótese de Freud é que os ciúmes sentidos por Dora em relação ao seu pai, na realidade, não eram em relação a ele, e sim, à Sra. K. - objeto de amor homossexual da moça. Porém, isso permaneceu inconsciente para ela. Os indícios desse amor, Freud encontra na

forma como Dora elogiava o “*adorável corpo alvo*” da amiga, “*numa tônica mais apropriada a uma amante que a uma rival*”(Freud, 1905a, p.59). Também no segundo sonho da paciente há uma cena interpretada como uma fantasia de defloração que é representada do ponto de vista masculino - indicando a posição por ela ocupada frente à amiga.

Não entraremos aqui nos meandros da problemática da bissexualidade da histeria que é trabalhada por Freud nesse texto e em posteriores. Nos interessa a relação entre isso que Freud denomina uma omissão interpretativa devido a não compreensão da “*importância da corrente homossexual de sentimentos nos psiconeuróticos*” (Freud, 1905a, p.117) e o destino da análise de Dora. Ele parece entender que foi a carência de uma interpretação adequada que levou Dora a abandonar o tratamento.

Será mesmo que foi uma carência de interpretação da parte de Freud? Não teria sido um excesso? Será que era possível nomear inequivocamente o objeto de desejo de Dora? O que ele fez foi, ao perceber uma identificação entre sua paciente e a Sra. K, apontar diretamente: ‘Você quer o Sr K., você quer um homem para casar-se e ter filhos’. Mas, se ao contrário, tivesse dito ‘você quer a senhora K.’ talvez não tivesse sido também uma boa interpretação. O problema foi o caráter dessa interpretação: inequívoco.

Que essa senhora estava intimamente ligada ao conteúdo das fantasias sexuais de Dora não podemos duvidar. Mas, o seu objeto de desejo não podia ter sido apontado como o foi. Identificada ora à amiga, ora ao senhor K., ou seu pai, Dora tentava articular a complicada relação que cumpria a oralidade (forma de satisfação privilegiada por ela) na relação de desejo e amor entre os sexos.

Se o desejo tem sua raiz no ponto em que se liga ao desconhecido, tal qual Freud nos apontou com o conceito de umbigo dos sonhos, é preciso que a interpretação respeite sempre

esse limite. Nesse sentido, qualquer interpretação que nomeasse muito inequivocamente o objeto de desejo de Dora seria perigosa, arriscando provocar uma interrupção do tratamento, tal qual aconteceu com a interpretação dada por Freud.

Para que uma interpretação favoreça o trabalho analítico é preciso que ela respeite os limites ligados à própria constituição do desejo, e ao invés de nomear seu objeto diretamente, permita o relançamento de uma pergunta acerca de sua natureza para estimular a continuação desse trabalho.

Capítulo 3

O DISPOSITIVO ANALÍTICO

Os impasses com que Freud se depara no Caso Dora são desenvolvidos de forma muito rica alguns anos depois, nos escritos reunidos sob o nome de "*Artigos sobre Técnica*"¹⁷, do período de 1911 a 1915. Ai Freud expõe de forma simples e objetiva questões centrais para o tratamento psicanalítico: De um lado, a correlação entre associação livre, atenção flutuante e interpretação, de outro a relação entre interpretação e transferência. Portanto, dividiremos nosso terceiro capítulo em duas partes: primeiro, tentaremos entender a partir das noções de associação livre e atenção flutuante o que Freud considera como "*material*" ou "*texto*" fornecido pelo paciente ligado à forma pela qual o analista deve tratá-lo. Depois, mostraremos o papel que cabe à transferência nesse processo.

3.1 - Associação livre e atenção flutuante

Em "*Sobre o início do tratamento*", Freud nos diz que o material com que se começa um tratamento é indiferente, pode ser a história da vida do paciente, lembranças de infância ou o desenvolvimento de sua doença. O essencial é que ele fale sobre o que achar importante. Mas, ao falar, há uma e somente uma regra a seguir: a associação livre - "*a regra fundamental da análise*". Essa regra traduz-se em dizer sempre o que lhe vem à cabeça, sem deixar nada de fora, por mais constrangedor, sem sentido ou insignificante lhe pareça o pensamento (cf. Freud, 1913, p.177).

¹⁷ Freud, S. - Obras Completas, vol. XII, PP.111-223.

Em consonância com essa regra, expedientes como anotar sonhos, esquematizar o que se vai falar na análise, ou mesmo conversar com alguém antes das sessões são desaconselhados. O texto produzido segundo a regra fundamental será sempre um texto com falhas, lacunas, ambigüidades e incertezas mas, como Freud nos disse em relação a Dora, essa característica do material produzido é um correlato da própria neurose, sendo justamente a partir desses detalhes que o analista interpreta.

Os “*Artigos sobre Técnica*” constituem um leque de conselhos ou recomendações as mais variadas. Porém, procurando um fio condutor destes textos, chega-se a conclusão de que a maior parte das recomendações dadas por Freud caminha no sentido de estipular uma contrapartida do lado do analista para a regra da associação livre: a atenção flutuante. Digamos que o analista também deveria ter uma ‘escuta livre’, livre de seus preconceitos, de suas expectativas, suposições e anseios.

Mas como o que determina a escuta do analista é muitas vezes algo inconsciente, o primeiro e fundamental passo em sua formação é submeter-se a uma análise pessoal para se livrar de seus complexos e resistências inconscientes. Estes obstruem sua escuta, formando o que Freud chama “*pontos cegos*”¹⁸, algo que o analista não pode ver (ouvir) por fazer parte do que nele está reprimido. O desconhecimento de si próprio é o principal obstáculo a ser ultrapassado para que um analista possa exercer sua função (cf. Freud, 1912b, pp.154-156).

Mas, além desse obstáculo fundamental, há outros, menores, sobre os quais Freud acredita poder alertar. O primeiro artigo deste conjunto se concentra no papel da interpretação dos sonhos no tratamento. Estando seus objetivos condicionados pela regra fundamental, deve-se descartar a tentativa de esgotar a interpretação de um sonho de uma só

¹⁸ Essa expressão usada por Freud é um termo de Stekel, W. em *Die Sprache des Traumes*.

vez. E o mesmo vale para um sintoma. A solução de um sintoma central na neurose do paciente pode equivaler ao trabalho de toda uma análise. Se uma interpretação “*não se completou*” em uma sessão, ou mesmo em um momento de uma determinada sessão e o paciente traz um novo assunto, é deste que o analista deve tratar. Não há porque ter medo de abandonar uma interpretação antes de estar completa, uma vez que, se o impulso que contribuiu para sua formação não foi completamente compreendido, voltará a reaparecer em outra formação do inconsciente (cf. Freud, 1911, pp.122-124).

Outro conselho que se depreende da regra fundamental é o de evitar-se fazer interpretações muito elaboradas, se adiantando em relação às associações do paciente. Há analistas muito habilidosos, principalmente em relação aos sonhos, que podem interpretá-los praticamente dispensando as associações do paciente, de forma a economizar o tempo das associações. Mas o analista não é um artista e, se há algo de arte no ato de interpretar, não se pode esquecer que ela é subjugada aos objetivos do tratamento, e jamais a “*arte pela arte*”. Uma interpretação em que o paciente não contribuiu com suas associações lhe chega como um saber vindo de fora e costuma provocar mais resistências que elaborações. (cf. Freud, 1911, pp.124/125).

Em “*Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*”, Freud alerta contra o perigo de uma técnica que denomina “*afetiva*” - quando o analista expõe seus sentimentos, buscando criar um clima de cumplicidade ou confiança e vencer as inibições do paciente através dessa atitude. Isso pode até dar resultados em relação às inibições conscientes, do começo de um tratamento. Mas, em relação às resistências inconscientes, principal obstáculo da análise, a técnica se mostra inútil, podendo também perturbar a relação transferencial e impedir a continuação do tratamento. Ao contrário, nos diz Freud: “*O médico deve ser opaco*

a seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado" (Freud, 1912b, p.157).

A técnica afetiva, sendo fundada na vontade de curar, foge ao método psicanalítico. Não se trata aí de uma disputa entre diferentes métodos terapêuticos. Freud alerta tanto àqueles que são movidos pela vontade de curar para convencer os outros da validade do método psicanalítico, quanto aqueles que são movidos por caridade ou qualquer outro motivo. A ambição terapêutica é algo em si prejudicial ao tratamento, pois, assim como qualquer outra ambição do lado do analista, conduz à sugestão. E a sugestão não é capaz de dar conta da neurose.

Uma intervenção eficiente só se dá a partir de um jogo de forças presente no paciente, cuja estrutura é preciso respeitar para ter alguma chance de cura. Há uma parte do trabalho da análise que não depende dos esforços do analista e, mais que isso, nem da própria vontade consciente do paciente. Ela depende de seu desejo e, quando se trata da dimensão do desejo, há sempre algo que parece funcionar sozinho, algo que escapa aos nossos esforços de compreensão. Provavelmente, é por isso que Freud chega a citar um antigo cirurgião francês que confere a responsabilidade da cura a Deus. "*Je le pansai, Dieu le guérit*" dizia o médico¹⁹ (Freud, 1912b, pp.153/154).

Há ainda uma outra "*ambição*" aparentemente louvável apontada por Freud como nociva ao tratamento: educar quem se submete a uma análise. "*A ambição educativa é de tão pouca utilidade quanto a ambição terapêutica*" (Freud, 1912a, p.158). O analista não deve dar textos para o paciente ler, pedir-lhe tarefas específicas, como pensar sobre um determinado assunto ou anotar sonhos e nem exigir um pensamento esquematizado. Por fim,

¹⁹ Ambroise Paré, cirurgião do séc. XVI. A frase pode ser ~~traduzida~~ como: Eu o tratei, Deus o curou.

não pode utilizar o tratamento para tentar conseguir um grau superior de sublimação além daquele a que o paciente já acede naturalmente.

Em lugar de todos esses procedimentos, onde as atitudes ou expectativas do analista perturbam o tratamento, Freud procura estipular uma contrapartida do lado do analista que esteja de acordo com a associação livre. Recomenda, então, que o analista não se concentre em nenhum assunto específico, ao contrário, que fique atento à “*superfície da mente*” do paciente, a primeira coisa que lhe vem à cabeça é o assunto que deve ser trabalhado.

Esse tema da superficialidade já havia sido trabalhado por Freud na “*Traumdeutung*”, onde nos dizia que toda vez que um elemento psíquico estava ligado a outro por uma associação ‘superficial’ [assonância, ambigüidade, contigüidade, etc.], o analista deveria procurar por trás dela uma outra mais ‘profunda’, disfarçada deste modo, para burlar a censura (cf. Freud, 1900, p.565).

Se o analista pretende alcançar esses resultados é preciso confiar nos princípios teóricos inaugurados com a Interpretação dos Sonhos e apenas seguir as ligações ‘superficiais’ estabelecidas pelo inconsciente. Para tanto, deve manter a “*atenção uniformemente suspensa*” ou, como preferimos, atenção flutuante. Se ele tem uma expectativa sobre o material que o paciente traz para a análise, necessariamente sua atenção é concentrada em algum assunto, e acaba por restringir sua percepção, ou mesmo falsificá-la. A expectativa conduz a uma seleção errônea do material considerado importante. Não há um material mais importante a priori. Nada a que se deva prestar mais ou menos atenção, ou tentar se lembrar enquanto o paciente fala. Deve-se ouvir apenas (cf. Freud, 1912b, pp.149/150).

A principal justificativa para esse conselho é que “*o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente*” (cf. Freud, 1912b, p.150). A noção de que o significado só se instaura posteriormente [nachträglich] é fundamental no pensamento de Freud. Ela é condição primeira da interpretação psicanalítica, excluindo qualquer possibilidade de interpretação pré-fabricada, seja nos moldes dos manuais dos sonhos da época de Freud, das suas versões modernas como questionários de revistas femininas, ou arremedos de intervenção analítica em programas de televisão, etc.

Uma outra consequência que advém necessariamente do fato do significado só ser identificado posteriormente à escuta é que não é possível realizar uma economia da mesma. A experiência de um analista não economiza o tempo necessário da escuta em cada novo caso e a cada momento de um mesmo tratamento. Daí a importância do conselho fundamental de Freud: Tratar cada caso, como se fosse o primeiro.

Nessa linha de raciocínio se encaixa o conselho de Freud relativo à pesquisa em psicanálise. Ele nos diz que nesse campo “*pesquisa e tratamento coincidem*”. Mas essa afirmação não deixa de lhe causar inquietação. Como conjugar a pesquisa ao tratamento sem retirar da escuta a dimensão fundamental da surpresa? Pensar sobre um caso, estabelecer hipóteses e predizer seu futuro são atitudes que podem perturbar seu andamento.

“Os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem nenhum intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se os enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições” (Freud, 1912b, p.153).

A atitude aconselhada por Freud é que o analista oscile entre a posição de pesquisador e de condutor do tratamento. Enquanto o caso está em andamento, deve evitar especulações, deixando para sintetizar seus dados após terminado o tratamento.

Mas os tratamentos atualmente são muito mais longos do que na época de Freud. Como não especular sobre um caso durante seu andamento, quando ele pode durar dez anos? Resta como desafio para nós analistas pensar se é indicado trabalhar teoricamente casos em andamento e, se assim o for, como fazê-lo sem perturbar a escuta retirando dela a abertura para a dimensão da surpresa.

Um fato acentuado por Freud ao longo destes artigos é que seus conselhos técnicos são algo que se adequa à sua "*individualidade*" (cf. Freud, 1912b, p.149). Seus conselhos tem muito pouco de positivo, sendo em sua maioria de ordem negativa, alertas sobre erros em que um analista pode incorrer, erros que Freud aprendeu por experiência própria. Mas como imaginar uma técnica que se adequa à individualidade de cada um, uma vez que a individualidade do analista é justamente o que vemos Freud descartar todo o tempo?

Acreditamos que essa "*individualidade*" de que ele fala é algo que só se alcança a partir de sua própria análise, algo como um estilo. E a condição necessária para isso é que o analista, conhecendo suas preferências e interesses e, principalmente, seus complexos e resistências inconscientes, possa contornar tudo isso para ocupar sua posição. Ocupar a posição de analista só é possível quando a pessoa não se confunde com aquilo que lhe imputa o paciente a partir da transferência.

Resumindo, podemos dizer que na "*Interpretação dos sonhos*" Freud nos mostra o caráter de escritura dos sonhos, caráter que abarca também os sintomas, e nos ensina a ler este texto. Mas além de saber o método para lê-lo, esses artigos atentam para o fato de que há

uma posição, ou postura necessária para ler corretamente o texto trazido pelos pacientes em associação livre - a atenção flutuante fundada numa escuta livre de pressupostos.

3.2 - Interpretação e transferência

Saber ler o texto produzido pelo paciente e poder se colocar em posição de escutar livremente não esgotam a tarefa do analista, há uma pré-condição que deve ser respeitada para que sua intervenção sobre este texto seja eficiente, para que uma interpretação produza seus efeitos. Aí entra o papel da transferência.

A função da transferência apareceu de forma perturbadora para Freud no Caso Dora. Em seu pós-escrito, ele nos diz que, um dos dois motivos²⁰ que a levou a abandonar o tratamento foi o fato dele não ter sabido manejar corretamente a transferência, não comunicando logo a Dora seus primeiros sinais. Estabelece então uma nova tarefa ao tratamento, que diz ter-lhe sido imposta desde essa experiência: interpretar a transferência, sob o risco dela tornar-se um obstáculo à análise.

Ele acredita que o abandono do tratamento foi fruto de uma transferência de sentimentos hostis, ligados à figura do pai e do senhor K., para a pessoa do analista. Essa transferência é localizada no primeiro sonho da paciente. Através da palavra "*fumaça*", ele chega ao *fumante*, característica comum tanto ao pai de Dora, quanto ao Sr K. e a Freud. A sequência dos pensamentos oníricos leva da fumaça ao beijo, ocorrido na cena do Lago com o Sr K. e, provavelmente, desejado em relação a Freud. O último elo da cadeia é a inversão do sentimento de conotação erótica para hostilidade. O resultado da hostilidade é o abandono, atitude pela qual ela respondeu aos avanços do Sr K. Repensando o caso, ele vê que Dora deu

²⁰ O primeiro motivo foi o papel ocupado pela senhora K. para Dora, motivo já trabalhado no capítulo 2.

mostras de que iria abandonar seu analista. Se houvesse interpretado os motivos de sua intenção, talvez ela não houvesse interrompido o tratamento.

Essa dificuldade ligada ao manejo da transferência o conduz a estabelecer uma diferença entre a interpretação dos sonhos e a interpretação da transferência. Ele nos diz o seguinte:

"É fácil aprender a interpretar sonhos, a extrair das associações do paciente seus pensamentos e suas lembranças inconscientes, e praticar métodos explanatórios semelhantes: para isso o próprio paciente fornecerá seu texto. A transferência é que deve ser descoberta quase sem nenhuma ajuda, com pouquíssimas pistas em mão, enquanto ao mesmo tempo se deve evitar o risco de tirar conclusões arbitrarias"(Freud, 1905a, p.113).

Nos perguntamos o porquê desta distinção realizada por Freud. No exemplo que acabamos de examinar foi através do texto do sonho, mais especificamente da palavra "fumaça", que ele chegou a localizar a transferência de Dora. A que estaria ele se referindo então, quando nos diz que a transferência deve ser localizada quase sem o auxílio do paciente? Seria uma alusão ao fato dos pensamentos ligados à figura do analista serem concomitantes ao silêncio, a uma interrupção no relato do paciente, conforme nos indicará alguns anos depois, em "A dinâmica da transferência" (cf. Freud, 1912a, p.135)? Se a escassez de material a que ele se refere está ligada a essa interrupção, não poderíamos pensá-la também como um elemento do texto?

A função da transferência é tratada nos artigos técnicos a partir de seu caráter de certo modo paradoxal. Vemos nestes textos Freud tentando responder aos impasses produzidos na análise pela transferência. Porém, ele não aponta mais para a divisão que havia estabelecido

no Caso Dora entre interpretação da transferência e do material. O fenômeno da transferência domina em definitivo toda a cena analítica, uma vez que é considerada como condição de possibilidade da interpretação. Se ela aparece também como uma poderosa resistência ao tratamento, é uma resistência intrínseca ao mesmo e que não pode ser colocada de lado.

Na *"Interpretação dos Sonhos"*, Freud havia definido a transferência como equivalente aos processos gerais das formações do inconsciente. O desejo inconsciente se apoderando dos restos diurnos, em si mesmo insignificantes, carregava-os de uma nova significação, para burlar a censura e produzir os sonhos. Ocorria dessa forma uma *"transferência"*, um deslocamento dos desejos inconscientes em direção a uma representação aceitável para a consciência (cf. Freud, 1900, p.328).

Agora este conceito é circunscrito como um deslocamento inconsciente de intensidades psíquicas para uma idéia ou representação específica - a figura ou imago do analista. Deslocamento, ou transferência que Freud diz acontecer necessariamente em todo tratamento.

Em *"A dinâmica da transferência"*, Freud afirma que:

"cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica - isto é, nas condições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isto produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido - constantemente reimpresso - no decorrer da vida da pessoa..."(Freud, 1912a, p.133).

Esta forma das pessoas relacionarem-se com seus objetos amorosos é algo cujas coordenadas são em grande partes determinadas inconscientemente. E a cada vez que a necessidade que alguém tem de amar não está completamente satisfeita pela realidade, o que é

a regra na neurose, ela irá se aproximar das pessoas com “*idéias libidinais antecipadas*”. O médico não escapa desse destino, e é incluído também numa dessas “*séries psíquicas*” prontas por antecipação. Mas, observa Freud, isso não constitui uma peculiaridade do tratamento psicanalítico, podendo ser observado também em instituições psiquiátricas e outras. A transferência é atribuída por Freud às próprias características da neurose e não às da psicanálise (cf. Freud, 1912a, pp.134 -136).

O que o perturba de sobremaneira é que quando a transferência aparece no tratamento, acaba se constituindo como uma resistência ao mesmo, interrompendo o fluxo das associações do paciente. Ele explica esse fato da seguinte maneira: devido a uma frustração da satisfação libidinal numa relação objetal atual e também à atração que as pulsões reprimidas exercem a partir do inconsciente, a libido regride, abandonando esse objeto e investindo as imagos infantis inconscientes do indivíduo. E “*todas as forças que fizeram a libido regredir erguer-se-ão como resistências ao trabalho de análise, a fim de conservar o novo estado de coisas*” (Freud, 1912a, p.137).

A cada vez que algo do material trabalhado na sessão se aproxima de um núcleo patogênico, uma parte dele que sirva para ser transferida para a figura do médico sofre transferência e produz a associação seguinte. Essa associação relacionada ao médico produz uma resistência, isto é, uma interrupção da fala, caracterizada normalmente por um silêncio. Freud se utiliza de um interessante método para vencer esse silêncio:

“...se as associações faltam, a interrupção pode ser removida pela garantia de que ele está dominado, momentaneamente, por uma associação relacionada com o próprio médico ou com algo a este vinculado”(Freud, 1912a, p.135).

Ao intervir dessa maneira, o analista traz o conflito a ser trabalhado para a esfera da transferência. Isso é considerado por ele como positivo pois, apesar das dificuldades ligadas ao seu manejo, só a transferência torna presentes os impulsos libidinais inconscientes do paciente; e é impossível intervir num conflito que não seja presente (cf. Freud, 1912a, p.143).

Dessa forma, a interpretação dos conflitos envolvidos na satisfação de desejo inconsciente é praticamente associada por Freud, nesse momento, à interpretação das resistências vinculadas à transferência. O analista, segundo ele, contenta-se *“em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente”* (Freud, 1914, p.193).

As dificuldades que Freud associa ao manejo da transferência advém do fato de que ele distingue aí diferentes aspectos ou tipos que contribuem cada qual de uma forma específica para o tratamento. Daí se referir muitas vezes às *“transferências”*, no plural. As transferências englobam transferências positivas - de sentimentos afetuosos ou eróticos; e negativa - de sentimentos hostis. Os únicos dentre estes sentimentos que contribuem para o progresso da análise, na opinião de Freud, são os afetuosos. Estes possibilitam que o médico utilize-se de sua influência sobre o paciente para forçá-lo a realizar o trabalho exigido pela análise. Este procedimento é assimilado à *“sugestão”*, que apesar de ser tão criticada por Freud em outros momentos, aqui é admitida em nome do progresso do trabalho (Freud, 1912a, p.140).

A transferência negativa é tratada superficialmente nesse artigo, Freud aponta apenas que ela costuma aparecer lado a lado com a afetuosas, por vezes dirigida à mesma pessoa.

Lembremos aqui da forma como foi interpretada a saída de Dora do tratamento - a hostilidade que ela dirigia ao pai e ao Sr. K. se apossa da figura de Freud motivando seu abandono.

Por fim, há a transferência de sentimentos eróticos - considerados um prolongamento dos sentimentos afetuosos no inconsciente. Sentimentos como a simpatia, amizade e confiança têm sua raiz em desejos sexuais infantis. Originalmente, todo objeto com que nos relacionamos tem um caráter sexual e o desejo inconsciente guarda essa característica. Segundo Freud, os impulsos inconscientes esforçam-se por se reproduzir, procurando colocar as paixões em ação através da transferência. Isto vai contra os objetivos do tratamento que visa alcançar a rememoração e compreensão destes mesmos impulsos e não sua atuação (cf. Freud, 1912a, p.140 e 143).

No artigo "*Observações sobre o amor transferencial*", Freud nos mostra como contornar esta delicada dimensão erótica da transferência. A situação que ele toma como exemplo é de uma paciente que se enamorou pelo médico. E o primeiro ponto importante observado é que esse enamoramento é induzido pela própria situação analítica e não devido aos encantos de tal ou qual médico - o que desde já diminui seu fascínio, contribuindo para afastar as possibilidades de contratransferência.

O simples oferecimento de escuta e compreensão simpática já são suficientes para o surgimento da transferência com sua dimensão erótica necessária. Mas, em relação a ela, o médico deve permanecer neutro e abstinente. Não deve negá-la nem estimulá-la, apenas manejá-la procurando torná-la útil ao tratamento, tratando-lhe como algo irreal que necessita ser atravessado para poder se descobrir suas raízes inconscientes. Esta atitude traz à paciente segurança suficiente para trazer a luz seus desejos sexuais, expressar suas fantasias, abrindo o caminho para se descobrir suas raízes infantis. Deve-se mostrar à paciente que esse amor é

uma repetição de comportamentos anteriores e até infantis, os quais devem ser devidamente trabalhados. Esses argumentos associados à paciência do analista podem levar a uma moderação deste amor que permite ao trabalho analítico realizar seu objetivo: *“desvendar a escolha objetal infantil da paciente e as fantasias tecidas ao redor dela”* (Freud, 1915[1914], p.217).

Freud levanta uma dúvida relativa à natureza desse amor de transferência. Não é possível dizer que ele não seja genuíno só por ser uma repetição, já que todo amor consiste na repetição de características e comportamentos infantis. O que confere ao amor de transferência características especiais é o fato de ser provocado pela situação analítica, de ser intensificado pela resistência em desvendar suas raízes inconscientes e por desconsiderar a realidade. Porém, mesmo essas duas últimas características podem estar presentes em qualquer amor. O que constitui fator decisivo na forma de se abordar o amor de transferência é o fato de que ele foi evocado pelo tratamento a fim de curar a neurose e o médico não poderia jamais tirar qualquer proveito dessa situação que não fosse em prol deste objetivo. Assim sendo, mesmo que a disposição da paciente possa ser considerada genuína, toda a responsabilidade recai sobre o analista que por motivos éticos e técnicos não deve retribuir seu amor (cf. Freud, 1915[1914], pp.219/220).

Resumindo, poderíamos dizer que a transferência tal qual nos é apontada por Freud envolve três aspectos importantes. Um ligado à repetição de um padrão de relação com o objeto, cujas raízes podemos encontrar na infância. Um segundo aspecto da transferência a faz corresponder a uma resistência ao tratamento, em obstáculo à rememoração e elaboração da problemática que gira entorno do desejo inconsciente. E um terceiro, que aproxima a transferência à condição de possibilidade da sugestão que impulsiona o trabalho analítico.

Vemos assim que no dispositivo inventado por Freud, a transferência realiza um papel fundamental. O analista só pode intervir interpretando a partir de um lugar muito especial o qual lhe confere o paciente. Lugar onde o saber que lhe é suposto acerca de seus sintomas está ligado também a um investimento libidinal em relação à sua pessoa. Investimento que traz a tona toda a problemática que envolve o desejo inconsciente do paciente. E se a transferência traz consigo resistências, o faz exatamente por trazer à tona um conflito de forças sempre presente na revelação de qualquer material inconsciente.

Capítulo 4

INTERPRETAÇÃO E LINGUAGEM4.1- Lacan no caminho das letras.

Nosso quarto capítulo tem como objetivo seguir algumas articulações importantes do conceito de interpretação no ensino de Jacques Lacan, destacando aquilo que nos ajuda a desenvolver problemas levantados a partir do texto freudiano. Mas, se Lacan nos ajuda a responder questões que Freud deixou em aberto, abre por sua vez muitas outras. Não temos a pretensão de desenvolver todas as questões envolvidas nas formulações lacanianas acerca do conceito de interpretação. Nosso objetivo aqui será apenas de traçar um esboço dessas questões procurando seguir o desenvolvimento do pensamento deste autor acerca da interpretação em um momento específico de seu ensino - o início daquilo que ele chama seu retorno a Freud.

Vamos abordar as articulações lacanianas principalmente através das pequenas letrinhas trazidas por ele para a teoria psicanalítica e que compõe aquilo que conhecemos como seus matemas. Essas letrinhas vão recebendo ao longo de seu ensino diferentes significações. O que nos parece rico em seu uso é o fato de que, examinando a maneira como elas se articulam, podemos formar algo como um esqueleto da mesma, captar o desenrolar, a lógica de seu pensamento.

Para realizar este trabalho nos utilizaremos principalmente das formulações de Lacan e de Jacques Alain Miller. O lugar de destaque que aqui concedemos a Miller se deve ao fato de

seu trabalho se fundar num esforço constante em tornar explícita a lógica do pensamento lacaniano.

Em um boletim da ECF - Escola da Causa Freudiana - de 1995, Miller apresenta um pequeno resumo da articulação lacaniana sobre a interpretação que poderá nos servir como ponto de partida.

De forma reduzida, diremos que ele aproxima a interpretação, a partir de diferentes construções de Lacan, de três das letrinhas por ele utilizadas em seus matemas. Primeiramente do pequeno *s*, do significado ou significação; depois do grande *S*, do significante e, por último, do pequeno *a*, relativo ao objeto.

Os termos significado *s* e significante *S* foram trazidos por Lacan da lingüística estrutural de Saussure para o coração da teoria psicanalítica. A partir da idéia de que o inconsciente freudiano está estruturado como uma linguagem, Lacan lança mão destes termos para destrinchar o que está em jogo na experiência analítica. Ao fazer isso, entretanto, vai aos poucos subvertendo a relação estabelecida por Saussure e deixando de lado a importância que significado aí guardava, enquanto se aprofunda cada vez mais na lógica do significante. O objeto pequeno *a*, apesar de intimamente ligado à lógica do significante, é uma criação do próprio Lacan a certa altura de seu ensino.

Delimitamos como objeto de estudo apenas a fase inicial da obra de Lacan, sendo assim, não trabalharemos aqui a relação entre a interpretação e o objeto *a*. Pretendemos trabalhar a problemática da interpretação em sua relação com o significante e o significado. O que pode ser uma interpretação que visa atingir um significado? Qual a diferença entre isso e uma interpretação que visa atingir apenas a associação significante? Tomaremos como textos

base os escritos de Lacan “*Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*”, “*A instância da letra no inconsciente*” e “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*”.

4.2 - As ressonâncias da palavra e a interpretação

O que conhecemos como “*Comunicado de Roma*” é um texto dos Escritos de Lacan, cujo título é “*Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*”²¹, e que ganhou esse subtítulo por ter sido escrito a partir da apresentação de Lacan no Congresso de Roma em 26 e 27 de setembro de 1953.

Havia naquela época um mal estar entre Lacan e a Associação Internacional de Psicanálise - IPA, da qual fazia parte. Um dos motivos de seu desentendimento com a IPA era o uso que fazia do tempo em suas sessões. Ao invés do tempo padrão recomendado pela Associação, ele realizava suas sessões com tempo variado. Essa atitude era considerada uma afronta à ortodoxia freudiana

O tom da exposição de Lacan é direto e ele não poupa críticas aos psicanalistas ditos herdeiros de Freud, principalmente os americanos que, em seu entender, vinham desvirtuando a psicanálise e abandonando aquilo que de mais importante havia na experiência de seu fundador - a função da palavra na experiência psicanalítica. Segundo Lacan, a teoria psicanalítica estaria se abrindo a novos objetivos, diferentes daqueles pregados por Freud. “...a concepção de psicanálise aí (EUA) se inclinou em direção à adaptação do indivíduo à circunstância social” (Lacan, 1953, p.245)²². O próprio conceito de interpretação, assim

²¹ Écrits, pp.237-322.

²² Todos os textos dos escritos foram publicados no ano de 1966, dataremos cada um deles apenas com ano de referência que aparece nos textos. O Comunicado de Roma aconteceu no ano de 1953.

como vários outros, vinha sofrendo um deslizamento que o afastava de seus princípios. Trata-se, então, de voltar a esses princípios.

A clínica psicanalítica tem dentre suas características mais fundamentais operar sobre o sintoma através da palavra. No texto "*L'unção e campo da palavra e da linguagem na psicanálise*", Lacan exalta os poderes da palavra na psicanálise, chegando a dizer que o analista deveria ser um mestre no estudo das funções da palavra (cf. Lacan, 1953, p.244). Ele nos mostra como se utilizar da propriedade de ressonância da palavra para obter os efeitos esperados no tratamento, desenvolvendo importantes conseqüências para a técnica da interpretação.

Trabalhar com corte das sessões, usando o manejo do tempo como mais um dentre os instrumentos de que o analista pode dispor para pontuar - interpretar - a fala do analisando é uma prática de uso comum entre todos aqueles que seguem o ensino de Lacan. Porém, se a inovação no uso do tempo, proposta por Lacan nesse momento, guarda ainda sua importância, a concepção teórica que a funda sofreu algumas modificações significativas ao longo de seu ensino.

Vamos aqui apontar para a importante contribuição que Lacan nos traz nesse momento ao aproximar a interpretação da idéia de pontuação, mas procuraremos também entender aquilo que nesse texto irá sofrer modificações com o desenvolvimento de seu ensino.

Se partimos do esquema clássico de Saussure da distinção entre significante S e significado s, de qual lado situar a interpretação?

Miller nos diz que o mais simples, numa visada que se aproxima ao senso comum, é fazer equivaler a interpretação ao significado. Podemos entender o inconsciente como algo que nos fala numa linguagem desconhecida, que nos põe diante de significantes dos quais não

sabemos o significado. Partindo dessa hipótese, é possível aproximar a função do analista da tradução; tal qual um tradutor, o analista é aquele que através de suas interpretações nos permite ter acesso a esse significado desconhecido do que falamos. Nessa perspectiva, a interpretação atua ao nível do significado, ou da significação (cf. Miller, 1995b, p.22).

Acreditamos poder tomar o “*Comunicado de Roma*” como uma visão da interpretação atuando ao nível do significado ou significação. Eric Laurent confirma essa idéia, quando nos diz :

“...no Discurso de Roma, Lacan nos fala de uma interpretação que atua sobre as ressonâncias semânticas, sobre o significado e não sobre o significante” (Laurent, 1993, p.21).

Tentaremos estruturar nossa leitura desse texto a partir de alguns eixos básicos, a saber, a oposição entre palavra e linguagem e também a oposição entre significante e significado. E, a partir desses eixos centrais, veremos como se apresenta para Lacan nesse momento a interpretação na sua relação com alguns conceitos centrais da psicanálise como sintoma, inconsciente, desejo, etc.

Começemos por entender como Lacan formula o que seja o sintoma a partir da oposição entre o significante *S* e o significado *s*. Há uma teoria relativamente simples sobre o sintoma no “*Comunicado de Roma*”. Ele é estruturado como uma linguagem e por isso pode ser destrinchado em termos de significante e significado:

“O sintoma é aqui o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito” (Lacan, 1953, pp.280/281).

Então, há um significante do sintoma que está presente, que aparece na associação livre, na forma como o analisando fala de seu sintoma, e também de sua história de modo geral. Com a instauração do processo analítico, esse sintoma, do qual queria apenas se livrar, vai se constituindo para ele como uma questão, algo que possui um significado ligado à sua

própria história mas que ele não sabe qual. Dizemos que o significado do sintoma é da ordem do recalçado.

O sintoma é um significante, cujo significado está recalçado da consciência do sujeito, é inconsciente. Ser inconsciente nesse momento significa fazer parte daquilo que na história do sujeito não pôde ganhar sentido, não pôde passar para o discurso. Lacan assim define o inconsciente:

“O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (Lacan, 1953, p.259).

O objetivo da psicanálise nesse momento seria o de *“restabelecer a continuidade do discurso consciente”* (Lacan, 1953, p.258), interrompida pelo capítulo censurado do inconsciente. Mas o inconsciente também é discurso e podemos entender o sintoma como um modo inconsciente de dizer algo, uma mensagem a se decifrar.

Uma peculiaridade do sintoma, enquanto modo de dizer algo, é que seu significante possui um suporte que não é lingüístico, mas emprestado à carne do corpo, ou emprestado ao registro imaginário do mesmo. O sintoma pode ser decifrado tal qual um símbolo inscrito no corpo. E como se dá essa operação, a interpretação?

Miller nos propõe entender a operação analítica nesse momento através de um matema²³ que resume a operação nos termos que aqui nos utilizamos. Trata-se de fazer vir esse significado recalçado à consciência, de obter a transposição da barra da censura entre o significante do sintoma e seu significado. O resultado é o significante do sintoma S acrescentado do significado recalçado s (cf. Miller, 1995a, c.3, p.9)²⁴.

²³ Esse matema é praticamente o matema apresentado por Lacan em “A instância da letra no inconsciente” de 1957, mas nesse texto Lacan ainda não o havia formulado.

²⁴ As referências aos seminários de Miller terão sempre, ao lado da página, o curso a que essa página se refere, já que esta é a forma como estão organizadas as cópias a que tivemos acesso.

$$\frac{S}{s} \int \rightarrow S (+) s$$

O termo que Lacan utiliza para falar desse significante do sintoma acrescido de seu significado $S (+) s$ é "*palavra plena*". Na palavra plena o significado recalcado do sintoma conseguiria ser dito. Se o recalçamento é o que separa significante de significado, a palavra plena seria a palavra sem recalçamento, aquela que teria a propriedade de abolir o recalçamento e fazer reunir significante e significado.

Essa construção se faz partindo de uma suposição que depois se modificará, a saber, que há para o significante do sintoma um significado verdadeiro, que lhe pertence, e que no horizonte eles podem se encontrar. Segundo Miller, o que leva Lacan a modificar sua teoria da interpretação intersubjetiva é o aprofundamento do conceito de recalçamento originário. Lacan irá constatar, retraduzindo Freud em seus termos, que a discordância que há entre significante e significado, no fundo, é definitiva (cf. Miller, 1995a, c3, p.12).

No "*Comunicado de Roma*", Lacan acena com a possibilidade de uma palavra plena onde o significado recalcado conseguiria ser dito, conseguiria encontrar seu significante na palavra e não simplesmente no sintoma. Trata-se de abandonar o suporte corporal ou imaginário do sintoma para encontrar seu suporte simbólico. Podendo se dizer pelas palavras, a verdade do sintoma não teria mais que se utilizar do corpo ou das imagens emprestadas à desagregação do eu. E o destino do sintoma, então, seria evanescer-se, ser destruído sem perdas para o sujeito (cf. Lacan, 1953, p.259).

A incidência da interpretação sobre o sintoma, livrando o sentido dessa mensagem cifrada em que ele se constitui, é algo muito próximo aos textos de Freud, onde a interpretação busca alcançar o significado recalcado. Mas há também uma outra incidência da interpretação que se dá sobre o próprio sujeito. Sujeito não é um termo freudiano, e está em

relação com outros termos também não freudianos, dialética, intersubjetividade, reconhecimento, etc.

Um aspecto muito acentuado por Lacan no sintoma é o seu valor de verdade para o sujeito. O sintoma é uma palavra que contém uma verdade, verdade inacessível ao sujeito, como uma mensagem cifrada. Outro aspecto também acentuado é seu endereçamento. O sintoma, assim como a palavra de modo geral, é sempre endereçado a um outro. Com a transferência, o analista passa a ocupar o lugar daquele a quem esta mensagem é dirigida e, a partir daí, pode interpretá-la.

O termo "*palavra plena*" não surge para Lacan do nada. Ele nos diz que: "*A psicanálise não tem senão um meio: a palavra do paciente*" (Lacan, 1953, p.247). A atenção flutuante do analista deve visar a palavra do sujeito e não, como pregam muitos dos analistas criticados por Lacan, um objeto que estaria para além dela. Atento à palavra do paciente, o que percebe Lacan? Que toda palavra pede uma resposta, e mais do que isso, ela já contém em si a sua resposta.

"Nós mostraremos que não há palavra sem resposta, mesmo se ela não encontra mais que o silêncio, contanto que ela tenha um ouvinte, e que este é o miolo de sua função na análise"
(Lacan, 1953, p.247).

A relação intersubjetiva é algo que se dá basicamente numa relação de questões e respostas. Mas há uma certa oscilação de Lacan entre, por um lado, considerar a resposta como algo já embutido na própria questão e, por outro, assinalar a dimensão de responsabilidade que cabe à resposta do analista enquanto outro a quem o sujeito dirige suas questões. Não se trata apenas de aprovar ou rejeitar o discurso do sujeito, mas de reconhecê-lo ou aboli-lo como sujeito, nos diz Lacan (cf. Lacan, 1953, p.300).

A idéia de que toda palavra ou questão já contém a sua própria resposta deriva de um modelo de comunicação apresentado por Lacan nesse texto. O campo da intersubjetividade é instaurado por uma fala onde o locutor supõe sempre um ouvinte. E isso ele aponta como sendo uma característica da própria linguagem humana - constituir sempre uma comunicação onde o emissor supõe um receptor e, ainda, um receptor do qual ele recebe sua mensagem de forma invertida. O exemplo dado por Lacan é bem conhecido: “..de um: ‘*Tu és minha mulher*’, um sujeito se assegura de ser o homem do casal” (Lacan, 1953, p.298).

A interpretação intersubjetiva é algo da ordem da palavra, uma palavra que vai do analista ao paciente visando implicá-lo como sujeito em sua própria palavra. Mas, o contrário também ocorre, se esta palavra é intersubjetiva, vai de sujeito a sujeito, ela também implica o analista em sua interpretação. Lacan nos dá exemplos de como Freud era implicado em suas interpretações, não tanto pelo conteúdo das mesmas, mas por sua enunciação enquanto descobridor da psicanálise na singularidade de sua caça a verdade.

Se as interpretações de Freud eram extensas, se ele falava muito a seus pacientes, lhes expunha suas construções em detalhes, era algo que sua posição de certa forma permitia. O saber da psicanálise estava se constituindo e por isso suas construções eram baseadas na singularidade de cada caso e produziam nos pacientes um efeito de verdade. Na época de Lacan, o saber psicanalítico já está construído, não todo, mas o suficiente para ser relativamente difundido na cultura. Não se produz mais os efeitos conseguidos por Freud ao dizer a alguém que ele deseja matar seu pai para poder ter sua mãe. Dai Lacan acentuar muito a função da resposta silenciosa do analista, deixando ao sujeito em análise a tarefa de descobrir suas próprias respostas.

Para que possamos apreender qual é o miolo da interpretação, e que posição ocupa o analista enquanto interpreta, é preciso entender que sua importância não advém apenas da sua relação com o saber, com o fato de que seja suposto possuir a chave do objeto desejado pelo sujeito, mas do fato de que o primeiro objeto do sujeito é ser reconhecido pelo outro. Assim, quando Lacan diz que "*o desejo do homem é o desejo do outro*" (Lacan, 1953, p.268), devemos entender assim: desejo de ser reconhecido pelo outro.

Nesse texto, esse outro ao qual está ligado o desejo de reconhecimento é o analista em sua singularidade, é o sujeito Freud, o sujeito Lacan ou qualquer outro. Mas é também algo mais abrangente que Lacan irá definir em "*A instância da letra*"²⁵ como Outro, com maiúscula. Aqui ele nos diz que o inconsciente do sujeito é o discurso do outro²⁶ (cf. Lacan, 1953, p.265), e assimila o desejo inconsciente a esse desejo de ser reconhecido pelo outro. Toda essa construção repousa sobre a idéia de que existe um outro primordial, anterior, sempre já aí. E a linguagem encarna essa posição primordial de outro.

A relação intersubjetiva pregada por Lacan se guia pela dimensão simbólica, única capaz de tocar a verdade da história do sujeito. O que irá se modificar nesta concepção é a natureza desse outro da linguagem. Nesse texto temos um outro completo, que permitiria no horizonte tudo dizer, que abriria a possibilidade de uma palavra plena, do sujeito se reconhecer plenamente em sua história.

Com tempo, Lacan irá modificar sua concepção desse outro. Primeiro ele passará a escrever sempre o outro da linguagem com maiúscula (Autre), para diferenciá-lo do pequeno outro (autre) pertencente à dimensão imaginária. E, mais tarde, a linguagem passará a ser

²⁵ *Écrits*, pp.493-528

²⁶ Em "*A instância da letra*" p. 524 Lacan retifica esta afirmação dizendo: "*Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro [Autre] com um grande A, era para indicar o para além onde se liga o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento*".

considerada uma estrutura que carrega uma falha em si mesma. O Outro passa a ser barrado (A) acarretando um desconhecimento ou divisão inerentes ao sujeito, que ganhará o estatuto irrevogável de sujeito barrado ou dividido (\$). Concluindo, Lacan constatará uma falha no interior da própria dimensão simbólica e as dificuldades da análise passarão a ser tratadas a partir daí, e não mais apenas como dificuldades inerentes à dimensão imaginária que se trataria de driblar em nome da primazia do simbólico.

Por enquanto, vejamos o que Lacan nos propõe no “*Comunicado de Roma*” acerca do desejo de reconhecimento pelo outro. Se o desejo do sujeito é ser reconhecido pelo outro, o que deve fazer o analista? Reconhecer de imediato aquilo que ele lhe traz como certezas? Não. Ele afirma que o analista deve agir em outro sentido: “*Muito pelo contrário, a arte do analista deve ser a de suspender as certezas do sujeito, até que se consumam suas últimas miragens*”(Lacan, 1953, p.251).

Detenhamo-nos por um momento nesta afirmação. Primeiro Lacan nos diz que o analista deve suspender as certezas do sujeito. Isso aponta para o fato de que não dá respostas imediatas às questões que se lhe coloca. E se não dá as respostas, não é apenas pelo fato de não tê-las, mas também por acreditar que ao analisando cabe encontrá-las. Para encontrá-las, entretanto, será preciso que trilhe um certo caminho, caminho ao longo do qual vão se consumindo suas miragens, suas velhas certezas.

Nesse caminho que se trilha durante uma análise, qual é o papel do analista? Apenas não responder? Não. Lacan nos diz que o analista orienta este percurso, pontuando o discurso do sujeito. A associação livre é como um texto sem pontuação, ou com pontuação mal feita, ao qual o analista vai inserindo a pontuação que considera mais adequada para valorizar o que o texto tem de significativo. O analista pontua interrogando certas afirmações (?),

acentuando, ou apenas sublinhando detalhes que poderiam passar despercebidos (!), (____), acentuando-os as vezes interrogativamente (?!), colocando algumas afirmações em série (,), acentuando o inacabamento do que as vezes se apresenta como conclusão (...) e precipitando conclusões em relação a alguns pensamentos, através do corte, ponto final da sessão (.).

A atenção flutuante capta certos termos significativos, significantes ou construções que se repetem na fala do analisando, e é a partir deles que o analista pontua, interpreta. Esses termos podem surgir seja numa história cotidiana, seja num lapso, ou num simples suspiro. O importante é que eles são acentuados a partir daquilo que o analista já pôde ouvir do que chamamos aqui o significante, ou símbolo do sintoma.

“Para liberar a palavra do sujeito, nós o introduzimos à linguagem de seu desejo, quer dizer à ‘linguagem primeira’ na qual, para além disso que ele nos diz dele mesmo, ele já nos fala sem saber, e nos símbolos do sintoma antes de tudo”
(Lacan, 1953, p.293).

Ao acentuar um significante ou construção em questão, a pontuação retira dele o significado que o sujeito costumava lhe conferir, exigindo que procure seu verdadeiro. E é no seio dessa teoria da interpretação como pontuação que Lacan irá inserir a justificativa para o manejo polêmico, porém preciso, que ele fazia do tempo de suas sessões.

“É uma pontuação afortunada a que dá seu sentido ao discurso do sujeito. Por isso a suspensão da sessão da qual a técnica atual faz um ato puramente cronométrico, e como tal, indiferente à trama do discurso, desempenha nele um papel de escansão que tem todo valor de uma intervenção para precipitar os momentos de concluir. E isto significa liberar esse termo de seu marco rotineiro para submetê-lo às finalidades úteis da técnica” (Lacan, 1953, p.252).

A relação entre a pontuação e o tempo é algo que merece nossa atenção. Iremos nos deter em dois pontos, o primeiro é relativo ao efeito de precipitação que Lacan consegue

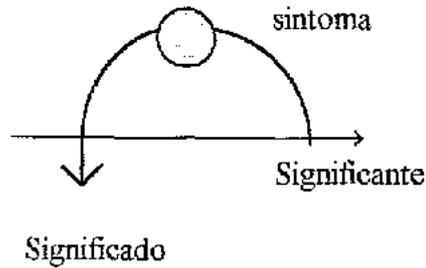
promover com o corte das sessões. Ao cortar uma sessão, aponta-se para o analisando a necessidade de se concluir algo sobre aquilo que vinha elaborando ao longo da sessão. O segundo ponto, diretamente relacionado ao primeiro, é o que Lacan nos chama a atenção dizendo ser a partir da última palavra de uma frase que podemos apreendê-la, e interpretá-la. Ao realizar uma pontuação, uma frase se constitui como um produto finito, a mensagem se fecha e o sujeito pode se constituir a partir dessa mensagem.

Trata-se de um esquema retroativo, já que é o último termo que dá o sentido aos primeiros. Lacan comenta esse esquema retroativo em termos de história. Para ele, a forma perfeita da palavra é aquela que é historicizante. História é algo diferente de um desenvolvimento, pois a história constitui o sentido de forma retroativa e antecipadora. Ela reordena os acontecimentos cronológicos, lhes dando novos sentidos, e assim se aproxima de algo como uma ressubjetivação.

Tanto o inconsciente, como o sintoma e a interpretação são definidos nesse texto em termos de história. O inconsciente é o capítulo censurado da história do sujeito, e o sintoma enquanto formação do inconsciente segue o mesmo esquema, é uma opacidade na história do sujeito que trata-se de desfazer. A interpretação tem como objetivo reduzir essa opacidade, restabelecer, através da palavra, a historicização, permitir a esse funcionamento retroativo se cumprir.

Miller nos diz que esse esquema retroativo é, mesmo que implícito, um esquema entre o significante e o significado, que irá desembocar mais tarde, através de uma complexificação, no esquema do grafo de "*Subversão do sujeito e dialética do desejo*". O esquema apresentado por ele para esse texto é o seguinte:

Esquema da retroação:



O eixo horizontal é o próprio caminho da associação livre que segue o tempo, que se dá no tempo. O último significante proferido é sempre o responsável pelo sentido de uma frase, é ele que dá, retroativamente, o significado do que se diz. Esse movimento é algo que faz parte da própria palavra de modo geral e acontece por si só. Mas qual a relação entre a palavra e a história do sujeito? Quando um sintoma se instaura, ele inibe esse movimento retroativo, historicizante da palavra, o significante do sintoma é um significante que não encontrou o seu significado histórico correspondente. A interpretação entra aí para permitir à retroação significativa se cumprir no presente (cf. Miller, 1996, c.12, pp.177-179).

Este esquema da retroação responde a uma problemática trabalhada por Freud²⁷ a partir da idéia de um 'só depois', ou seja, de que o significado só é identificado num momento posterior àquele em que os significantes são proferidos. "*o que se escuta [significantes], na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente*" (cf. Freud, 1912b, p.150).

O esquema da retroação só vem confirmar nossa linha de raciocínio, que tenta encaixar esse texto no que Miller chama de a interpretação visando o significado ou significação. Por mais que o analista não diga diretamente qual o significado daquilo que acentua, de certa forma, ele dirige o sujeito nessa tarefa.

²⁷ Vide p.47/48.

“Não há dúvida de que o analista possa jogar com o poder do símbolo evocando-o de um modo calculado nas ressonâncias semânticas de seus propósitos.

Essa seria a via de um retorno ao uso dos efeitos simbólicos, em uma técnica renovada de interpretação” (Lacan, 1953, p. 294).

O que significa esse termo ressonância, com o qual Lacan caracteriza a técnica renovada da interpretação por ele proposta? Para entendermos isso é preciso partir do que aponta como uma *“antinomia imanente às relações da palavra e da linguagem”* (Lacan, 1953, p.298). Ele aproxima a função da linguagem à comunicação e a da palavra à ressonância, mas podemos entender também como duas propriedades da própria linguagem, a comunicação e a ressonância.

Na comunicação trata-se de transmitir uma informação sobre uma referência e para que a linguagem cumpra sua função comunicativa é importante que essa informação seja unívoca. No polo oposto está a ressonância, aí não se trata de informar, e sim de evocar. O interessante é que *“a medida que a linguagem se torna mais funcional”*, mais adequada para transmitir uma informação unívoca, *“ela se torna imprópria para a palavra”* (Lacan, 1953, p.299). O inverso também ocorre, o que a linguagem tem de particular em cada enunciação, o que excede a informação, o que parece redundância em relação à informação, é justamente o que na palavra cumpre a função de ressonância. A função de ressonância é o que está em jogo na poesia e na interpretação analítica.

Ao aproximar a interpretação da poesia, Lacan abre uma via muito fértil para pensarmos a interpretação, via que ele não se cansará de retomar em diversos momentos de seu ensino. Porém, cabe aqui uma pequena ressalva. Miller nos diz que, apesar de Lacan opor ressonância e comunicação, a ressonância a que se refere aí, ainda pode ser entendida sob o

modelo da comunicação, ela é uma espécie de “*comunicação indireta*” (Miller, 1996, c6, p.13). Nas palavras de Lacan, ressonância “*é essa propriedade da palavra de fazer entender isso que ela não diz*” (Lacan, 1953, p.259).

Quando Lacan fala em evocar um símbolo de um “*modo calculado nas ressonâncias semânticas de seus propósitos*”, podemos inferir que, se é possível algum tipo de cálculo, se é possível atingir seus propósitos, é porque, no fundo, trata-se de um modelo de comunicação. Por mais que a interpretação não diga diretamente, que muitas vezes seja até silenciosa, ao evocar de modo calculado, ela faz entender, ela comunica.

Outro ponto que contribui para a assimilação da ressonância ao modelo da comunicação em Lacan, conforme nos aponta Miller, é o fato de haver na ressonância uma referência. E essa referência é o próprio sujeito, não se tratando na interpretação, entretanto, de informá-lo sobre ele mesmo, e sim, de invocá-lo para que se transforme. A interpretação íntima o sujeito, tem um valor imperativo. Lembremos dos exemplos dados por Lacan: “*Tu és minha mulher*”, “*Tu és meu mestre*”, são frases no imperativo, é a imposição de um significante ao sujeito, mesmo que isso seja feito de modo indireto, que a ressonância apenas evoque o significante em questão. Essa transformação do sujeito pela interpretação é o que já apontamos acima como reconhecimento (Miller, 1996, c.6, p.13).

A interpretação baseada nas ressonâncias da palavra cumpre a função de evocar, é por não dizer diretamente que Lacan pode afirmar que o analista se abstém de responder, deixando ao sujeito a tarefa de ir descobrindo o significado do que diz. Mas, chega um momento em que ao analista cabe intervir de forma diferente. A possibilidade levantada por Lacan da palavra plena aponta para o fato de que aí a tarefa do sujeito se cumpre. E, nesse momento, ele nos diz que é preciso reafirmar a verdade encontrada pelo sujeito.

“Resta que essa abstenção não é sustentada indefinidamente; quando a questão do sujeito tomou forma de palavra verdadeira, nós a sancionamos com nossa resposta, mas também nós mostramos que uma verdadeira palavra contém já sua resposta e que somente nós dizemos a mesma coisa. O que isso quer dizer? Senão que nós não fazemos nada além de dar à palavra do sujeito sua pontuação dialética” (Lacan, 1953, p.310).

Essa palavra verdadeira, plena, que se alcança ao final do processo dialético que se dá entre o sujeito e o outro é, como já dissemos, uma palavra que conseguiu vencer a censura que lhe era imposta. O momento onde a verdade censurada, escrita alhures, é encontrada; momento onde significante e significado do sintoma, separados pela barra do recalque, a transpõe, conseguindo se reunir. Esse é um dos pontos que sofrerá no ensino de Lacan uma transformação e ele passará a afirmar a impossibilidade de se transpor a barra do recalque, isto é, a impossibilidade estrutural de que um significante encontre seu verdadeiro significado.

4.3 - As leis da linguagem e os fundamentos da interpretação

O texto *“A Instância da letra ou a razão desde Freud”*²⁸, assim como o que acabamos de ver, faz parte de seus *“Escritos”* de Lacan e data do ano de 1957. Aí, ele faz uma leitura do texto freudiano que é imprescindível para entendermos o desenvolvimento que as questões levantadas nos primeiros capítulos têm em seu ensino. Nosso tema - a interpretação - praticamente não figura nesse texto. Mas a articulação aí inaugurada guarda uma grande importância e, só a partir dela, poderemos seguir o desenrolar do pensamento de Lacan, e compreender o que ele nos dirá em *“A direção do tratamento”* acerca da interpretação.

“*A Instância da letra*” se tornou uma referência importante entre os “*Escritos*” de Lacan por realizar uma aproximação entre a psicanálise e a linguística, caracterizada fundamentalmente pela introdução do algoritmo S / s , de Saussure. Se os termos *significante* e *significado* já figuravam no texto do “*Comunicado de Roma*”, as letras *S* e *s* só passam a ser utilizadas nesse momento.

O movimento central deste texto é de leitura e, até mesmo, tradução de Freud, nos termos que Lacan toma emprestado da linguística. *Significante* e *significado* são utilizados para construir as fórmulas da metáfora e metonímia, centrais em sua leitura dos mecanismos inconscientes. O que está em jogo, para além da função da palavra, é a estrutura da própria linguagem.

“Nosso título faz ouvir que além dessa palavra, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957, p.495).

Quando Lacan fala de estrutura da linguagem, parte de um corpo teórico específico - a linguística estrutural, ciência a qual ele reserva um lugar especial entre as ciências do homem, capaz mesmo de reordená-las todas. O momento inaugural dessa ciência é localizado por ele na construção do algoritmo S / s por Ferdinand de Saussure (cf. Lacan, 1957, pp.496/497).

Podemos ler esse algoritmo como “*significante sobre significado*”, sendo que o *sobre* corresponde à barra que separa as duas ordens - do *significante* e do *significado* - como dois campos distintos. E, nos diz Lacan, só a separação desses dois campos “*tornará possível um estudo exato das ligações próprias ao significante e da amplitude de sua função na gênese do significado*” (Lacan, 1957, p.497).

²⁸ *Écrits*, pp.493-528.

Quando falamos de ligações próprias ao significante, vale primeiramente acentuar, conforme aponta Lacan, que os significantes são articulados em forma de cadeia. Uma das características principais da cadeia significante é “*se compor segundo as leis de uma ordem fechada*” (Lacan, 1957, p.501). Isto é, um elemento significante se articula sempre com outro elemento da mesma ordem, e não é preciso buscar nada fora do próprio domínio significante (a cadeia e suas ramificações) para que possamos entender suas articulações e estudar as leis que as regem.

Falamos da estrutura significante, mas que elementos compõe essa estrutura? A lingüística distingue como elementos básicos de uma dada língua seus fonemas que, em sua relação de união/oposição, permitem distinguir os vocábulos da língua. Daí advém uma segunda característica fundamental da estrutura significante, “*se reduzir a elementos diferenciais últimos*” (Lacan, 1957, p.501), isto é, um elemento só se apresenta em oposição ou diferença a outro.

Miller nos lembra que essa relação de diferença, acima referida por Lacan, é a base sobre a qual Saussure desenvolve seu pensamento, sendo conhecida como “*princípio diacrítico do significante*”. O que quer dizer esse princípio? Que um significante só se coloca diferenciando-se de outros significantes. Um significante não tem em si nenhuma substância ou consistência própria, nenhuma propriedade intrínseca, só existindo em relação a outros significantes (cf. Miller, 1988, p.12).

Tentemos exemplificar isso, tomando uma partícula qualquer de nossa língua, como “bo”. A sílaba “bo” sozinha não tem significação alguma. Se a ela acrescentamos a sílaba “ca” formamos a palavra “boca”, cuja significação depende dos significantes que a acompanham. Por exemplo: “E me beija com a boca de hortelã.” “Ele é o dono da boca.” “Não perca essa

boca.” E assim por diante. Porém, se à sílaba “bo” acrescentamos a sílaba “ta”, formamos a palavra “bota”, esta também com uma gama ampla de significações, mas totalmente diferentes da primeira.

Perceber que a sílaba “bo” não tem significação alguma, dependendo inteiramente das outras sílabas que iremos acrescentar a ela, é algo simples. Mas entender que a palavra “boca” depende inteiramente das outras palavras que a acompanham numa frase já é mais difícil. Porém, radicalizando, trata-se da mesma coisa, mesmo que a significação de “boca” possa ser encontrada nos dicionários, e a sílaba “bo” aí não figure. Tentemos procurar uma palavra no dicionário sem saber qual o contexto em que ela está inserida, na maioria das vezes, a tarefa se mostrará inútil.

A significação de “boca” ou “bota” apontará sempre para outras significações e esse movimento é infinito. Quando ensinamos uma criança a usar um dicionário ela costuma resistir, e explica isso com muita propriedade, dizendo que não entende nada das explicações do dicionário. É claro, a significação da palavra que procura costuma ser construída utilizando várias outras palavras cuja significação ela também desconhece.

É nesse sentido que Lacan afirma:

“Não há nenhuma significação que não se sustente senão do reenvio a uma outra significação” (Lacan, 1957, p.498).

Dois termos são utilizados para tratar do campo semântico, instaurado pela idéia de significado: *significação* - que pode ser assimilada ao conjunto dos significados de uma palavra, e *sentido* - algo que aponta para essa característica insistente e, ao mesmo tempo, deslizante própria ao campo semântico. Sentido será o termo mais usado por Lacan na fase final de sua obra, em que ele irá valorizar justamente essa característica de deslizamento contínuo de tudo que é do campo semântico.

Quando dizemos : “Que boca...” , mesmo tratando-se de uma frase interrompida, há o que Lacan diz ser a insistência do sentido, uma tendência a que ela ganhe sentido. Mas, conforme os significantes que vamos acrescentando ao significante “boca” sua significação vai se modificando, não sendo possível colar este significante a uma significação última, aquilo em que ele realmente consistiria. A significação reenvia sempre para outras significações, e se modifica conforme os significantes que vou acrescentando à cadeia, sendo esse processo infinito. Assim, Lacan nos diz:

“Podemos dizer que é na cadeia significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da qual ele é capaz no momento mesmo.

A noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante se impõe então...” (Lacan, 1957, p.502).

A função propriamente significante que Lacan encontra nesse deslizamento presente na linguagem corresponde a uma figura de linguagem - a metonímia. A metonímia, diz Lacan, se apoia nessa conexão de “palavra à palavra. E ele emenda imediatamente que há uma outra figura de linguagem que pode representar uma relação entre os significantes também produtora de sentido - a metáfora. A fórmula da metáfora, se queremos defini-la conforme definimos a metonímia , seria “uma palavra por uma outra” (cf. Lacan, 1957, pp.506/507).

Mas o que significa uma palavra por outra? Lacan aponta que, enquanto o efeito de sentido na metonímia se produz por uma conexão de um significante a outro significante, de palavra à palavra, na metáfora temos uma relação de substituição.

“A faísca criadora da metáfora não jorra da colocação em presença de duas imagens, quer dizer, de dois significantes igualmente atualizados. Ela jorra entre dois significantes dos quais um se substitui ao outro tomando seu lugar na cadeia significante, e o significante ocupado restando presente por sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (Lacan, 1957, p.507).

Lacan utiliza esses conceitos lingüísticos para reler o texto freudiano, especificamente, “*A interpretação dos Sonhos*”, texto que já trabalhamos em nosso primeiro capítulo. Ele nos diz tratar-se aí, em todas as páginas, do que chama “*a letra do discurso*”. Mas o que quer dizer Lacan quando fala em letra do discurso? Sua recomendação é que tomemos “*a letra*” ao pé da letra, isto é, “*o suporte material que o discurso concreto pede à linguagem*” (Lacan, 1957, p.495). Letra e significante, tomado em sua materialidade, podem ser considerados aqui como sinônimos.

Qual é o suporte material do sonho? Freud nos diz que o sonho é formado por imagens, mas explica que, assim como em um rébus, essas imagens devem ser consideradas de uma forma especial: “*...substituir cada elemento separado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de uma maneira ou de outra...*” (Freud, 1900, p.296). Partindo dessa idéia, Lacan afirma deverem as imagens do sonho ser retidas enquanto significantes. Quando Freud se refere, por exemplo, aos hieróglifos egípcios, é no sentido de apontar para o valor significante das imagens do sonho, diferenciando-o de sua significação (cf. Lacan, 1957, p.510).

Se as imagens do sonho devem ser tomadas como significantes, o passo seguinte, tanto na “*Traumdeutung*” de Freud, como no texto de Lacan - que o segue atentamente - é mostrar que elas respondem à sua lógica. A característica fundamental do sonho, a deformação (*Entstellung*) é aproximada ao “*deslizamento do significado sob o significante, sempre em ação (inconsciente, notêmo-lo) no discurso*” (Lacan, 1957, p.511).

O trabalho dos sonhos se dá segundo dois mecanismos básicos, conforme também já vimos em nosso primeiro capítulo, condensação e deslocamento. E Lacan mostra como esses dois mecanismos podem ser traduzidos, respectivamente, nos termos que ele havia acabado

de nos apresentar como vertentes da incidência do significante sobre o significado - a metáfora e a metonímia. Ele acentua a característica de sobreposição de significantes da metáfora, presente na condensação dos sonhos; assim como o transporte²⁹ ou deslizamento da significação da metonímia, que podemos encontrar no deslocamento (cf. Lacan, 1957, p.511).

Há ainda um terceiro mecanismo do trabalho dos sonhos relativo às condições de representabilidade. E, nos diz Lacan, o longo e detalhado estudo que Freud empreende para demonstrar como o sonho representa essas articulações lógicas só vem confirmar que o sonho segue as leis do significante (cf. Lacan, 1957, pp.511/12).

Lacan chega a se desculpar por parecer estar soletrando Freud, mas diz que isso tem uma função importante, a de poder situar sobre as notas primeiras e fundamentais de seu fundador o que se passa na psicanálise. Já vimos em "*Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*" que ele critica os analistas que vinham dando à psicanálise um rumo diferente do de Freud, praticamente esquecendo seus textos. Agora ele nos diz:

"Desde a origem desconheceu-se o papel constituinte do significante no estatuto que Freud fixava ao inconsciente de saída e sob os modos formais os mais precisos" (Lacan, 1957, p.512).

Duas razões são esboçadas por Lacan para este desconhecimento. A primeira delas é que, na sua opinião, Freud estava à frente de seu tempo. A formalização que ele deu aos mecanismos inconscientes não era suficiente para fazer reconhecer aí a instância do significante por estar adiantada em relação às formalizações da lingüística. Lacan arrisca dizer

²⁹ O termo usado por Lacan é *virement* que quer dizer transporte de uma dívida de um credor para outro. Na metonímia não se trata de uma dívida, mas de uma significação que se modifica conforme os significantes que vamos acrescentando a uma cadeia. O importante é que assim como a dívida não é paga, apenas muda de dono, a promessa de uma significação última também não se cumpre, remetendo sempre para outras significações.

que a "*Traumdeutung*", por seu peso de verdade, teria aberto a via para os progressos da lingüística (cf. Lacan, 1957, pp.512/13).

A segunda razão é ligada ao que chama uma atração exercida nos analistas pelas significações levantadas pelo inconsciente. Mas, nos diz Lacan, o que provavelmente deve exercer essa atração é a dialética que esses analistas supõe ser imanente às significações mas que, na verdade, deriva do significante.

Atraídos pelas significações, os analistas tomam suas referências a partir das formas imaginárias que jorram do discurso de seus pacientes. A análise se torna um processo de exaustão dessas formas que, supõe-se, seja correlativo a exaustão das regressões por meio das quais se pode remodelar a relação de objeto a partir da qual o sujeito se constitui. Essa técnica pode produzir diversos efeitos, até terapêuticos, mas ela deriva de uma contradição explícita entre o método e o objeto a que visa.

A técnica da associação livre se justifica integralmente pela concepção de inconsciente de seu inventor. E o inconsciente é regido pelas leis do significante. Perturba a Lacan que os analistas deixem essa relação de lado, achando que a associação livre foi um método descoberto ao acaso, que Freud não sabia exatamente o que fazia e seu método funciona apenas por uma feliz coincidência. Ele discorda radicalmente dessa posição, afirmando existir "*uma coerência absoluta entre a técnica e a descoberta*" freudiana. Daí a importância de se voltar à verdade dessa descoberta (cf. Lacan, 1957, pp.513/14).

Vimos na "*Traumdeutung*" que o trabalho dos sonhos teve uma importância muito grande para Freud, por permitir-lhe generalizar a hipótese do inconsciente. E, se tomamos livros como o "*Os chistes...*" ou "*A psicopatologia da vida cotidiana*", vemos Freud nos apontar que "*o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora de seu campo*" (Lacan,

1957, p.514). É isso que conduz Lacan a assimilar as leis do inconsciente às leis da linguagem, leis que agem sobre todo e qualquer falante.

O que se segue ao elogio da coerência freudiana é uma tentativa de formalização dos mecanismos inconscientes a partir do algoritmo de Saussure. Trata-se do uso das letrinhas às quais nos referimos no início do capítulo.

As duas fórmulas construídas por Lacan se referem à metáfora e à metonímia. Miller nos diz que essas figuras não lhe surgiram do nada, ou mesmo como um presente de Jakobson - que, em um artigo citado por Lacan³⁰, resume toda a retórica nessas duas figuras de linguagem. Elas vêm responder a uma problemática que vimos se iniciar no “*Comunicado de Roma*” relativa ao significante do sintoma e seu significado, que é recalcado e corre entre linhas. Em “*A instância da letra*”, Lacan coloca o mecanismo da metáfora do lado do sintoma, para explicar a subsistência do significante do sintoma, e o mecanismo da metonímia do lado do significado recalcado, para explicar em termos “*linguístico-lógicos*” a subsistência do significado entre linhas, que ele agora assimila ao desejo (cf. Miller, 1995a, c3, p.12).

sintoma S/ S Um significante por outro (relação de substituição)

desejo (S — S') De um significante ao outro (relação de conexão)

As fórmulas apresentadas por Lacan são um pouco mais complexas que esses dois matemas acima, pois escrevem os mecanismos em termos de funções. Funções cujo conjunto domínio é o campo do significante e o conjunto resposta é o campo do significado (aqui

³⁰ Fundamentals of Language, de Roman Jakobson.

tratado em termos de significação) isto é, funções que articulam esses dois campos distinguidos por Saussure. A fórmula da metonímia, tal qual Lacan a escreve é a seguinte:

$$f(S...S') S \rightarrow S (-) s$$

O f designa que se trata de uma função. S é um significante, os três pontinhos ... seguidos de S' indicam que um outro significante a este primeiro se segue. Os parênteses (), seguidos de S , indicam que tudo se passa em relação a um contexto significante. A seta \rightarrow indica que algo resulta em função dessa conexão entre os dois significantes. O efeito dessa conexão é uma significação que corre sob o significante, que é retida. Lacan usa para escrever essa relação onde o significado não emerge, mas resta sob o significante, o menos (-) entre os dois termos S do significante e s do significado. Resumindo, podemos dizer que há uma resistência a produzir uma significação já que esse significado retido sob a conexão dos significantes é constantemente variável, em função da conexão de significante a significante (cf. Lacan, 1957, p.515).

Lacan aproxima a estrutura da metonímia à do próprio desejo. O desejo é metonímico. Como a relação do sujeito com seu objeto é mediada pelo significante, essa suspensão da significação presente na metonímia instala aí uma falta. Essa falta é o que sustenta o próprio desejo que, ao investir seu objeto, segue o movimento de reenvio de uma significação a outra significação. Miller constrói uma variante da fórmula da metonímia para responder ao que aponta como uma assimilação feita por Lacan entre o significado ou significação retida na metonímia e o desejo.

$$f(S...S') S \rightarrow S (-) d \quad (\text{Miller, 1995a, c16, p.2})$$

Analisemos um parágrafo onde Lacan realiza essa aproximação e vejamos o que se pode concluir a partir dele. O parágrafo é o seguinte:

"E os enigmas que propõe o desejo à toda 'filosofia natural', seu frenesi imitando o abismo do infinito, a colusão íntima onde ele envelopa o prazer de saber e aquele de dominar com o gozo, não se sustentam em nenhum outro desregulamento dos instintos senão em sua tomada nos trilhos - eternamente estendidos em direção ao desejo de outra coisa - , da metonímia" (Lacan, 1957, p.518).

A primeira coisa que merece destaque neste trecho é que Lacan, ao dizer que os "trilhos da metonímia" conduzem ao "desejo de outra coisa", abre a possibilidade de se pensar a assimilação apontada por Miller do significado recalcado, ou da resistência à significação, ao próprio desejo enquanto desejo sempre de outra coisa, desejo como um significado sempre a advir.

Um segundo ponto importante, a partir da leitura que Miller faz deste trecho, é o seguinte: Quando Lacan diz que "prazer de saber, prazer de dominar e gozo" estão envelopados no desejo em uma "colusão íntima", podemos dizer que nesse momento de seu ensino ele inclui o gozo junto a outras satisfações da ordem do desejo. A referência ao "instinto" nesse trecho mostra que as vicissitudes da pulsão de Freud são aqui as vicissitudes do desejo, em sua relação com o significante (cf. Miller, 1995a, c.8, p.13).

Outra característica do desejo ressaltada por Lacan nesse texto é a indestrutibilidade. Ele diz que o desejo está ligado a uma memória significante, tal qual a dos computadores. A cadeia significante insiste em reproduzir o desejo. Mas o desejo assim reproduzido é chamado por Lacan de "desejo morto" (cf. Lacan, 1957, p.514). Desejo morto por ser totalmente submetido à ordem do significante, a essa estrutura que tem sua lógica própria e funciona independentemente de nossa vontade ou permissão consciente, estrutura que já está aí desde sempre, antes mesmo do sujeito advir.

Enquanto no “*Comunicado de Roma*” Lacan falava do desejo do sujeito de ser reconhecido por um outro sujeito, agora, o desejo sai do campo da intersubjetividade e se instala definitivamente no campo da linguagem. Não se trata mais de desejo instaurado na relação entre dois sujeitos, mas desejo instaurado a partir da relação entre dois significantes (cf. Miller, 1995a, c. 16, p.3).

Passemos agora à outra vertente da significação instaurada a partir da relação entre dois significantes - a metáfora:

$$f(S'/S)S \cong S(+)s$$

O que muda aqui em relação à função metonímica são duas coisas. A primeira é a relação entre os significantes que não é mais de conexão e sim de substituição de um significante por outro - S'/S . A segunda modificação é que, em função dessa nova forma dos significantes se relacionarem, há um efeito de significação. O sinal de (+) indica uma transposição da barra que separa os dois campos, a emergência de uma significação. Lacan aproxima esse efeito ao produzido na poesia, e também no sintoma.

“O mecanismo em dois momentos³¹ da metáfora é aquele onde se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo a que ele vem se substituir na cadeia significante atual, passa a fâsca, que fixa em um sintoma, - metáfora onde a carne ou bem a função são tomadas como elemento significante, - a significação inacessível ao sujeito consciente, onde ele pode se transformar” (Lacan, 1957, p.518).

³¹ O termo utilizado por Lacan é ‘*mécanisme à double détente*’, a tradução literal seria mecanismo a duplo gatilho, mas essa tradução não aponta para a característica principal do mecanismo que é de se dar em dois momentos. A nossa tradução, entretanto, deixa escapar o fato de que o gatilho de uma arma é exatamente o que produz a fâsca responsável pelo disparo.

Em primeiro lugar, vemos a retomada de um tema já trabalhado no “*Comunicado de Roma*” - a carne ou a função corporal como suporte material do sintoma. Em segundo lugar, há no sintoma uma substituição, característica central do mecanismo metafórico. O significante a que temos acesso direto na análise é o que Lacan já chamava desde 1953 de “*significante do sintoma*”, mas, agora, não parece mais se tratar de encontrar o significado recalcado desse sintoma. O que está debaixo da barra é o significante do trauma sexual. E a significação é algo que jorra entre, ou melhor a partir da substituição do significante do trauma pelo significante do sintoma.

Um outro aspecto que merece nossa atenção é o fato de Lacan dizer que essa significação é inacessível ao sujeito consciente. Se essa significação resultante da substituição é inacessível, isto quer dizer que ela está recalcada. Então, significante do trauma e significação advinda de sua substituição pelo significante do sintoma estão ambos recalcados. Mas aí temos um problema: se a significação é inacessível como compreender a assimilação do mecanismo do sintoma à metáfora, onde o sinal de (+) representa justamente a emergência de uma significação? Afinal, a significação do sintoma está recalcada ou emerge? Miller nos diz, referindo-se a esse problema, que “*esperariamos ainda, após tudo, que uma posição de recalçamento pudesse se indicar sobre o menos antes que sobre o mais*” (Miller, 1995a, c.16, p.3/4).

Uma pequena digressão se faz aqui importante. Lacan não continuará a pensar o sintoma em termos de metáfora. A metáfora terá outro uso em seu ensino, uso que ele já introduz nesse texto mesmo, quando nos fala da paternidade associada à metáfora (cf. Lacan, 1957, p.508). Essa temática será desenvolvida em “*De uma questão preliminar a todo*

tratamento possível da psicose”, onde Lacan acentua a importância da metáfora paterna para estruturar o Édipo freudiano.

Mas, voltando ao sintoma, Lacan nos diz que é na significação inacessível instaurada pela metáfora do sintoma que o sujeito pode se transformar. Essa transformação do sujeito a partir da significação inacessível é um ponto que nos interessa seguir em seus desenvolvimentos, pois é aí que entra o papel da interpretação. Na interpretação trata-se sempre de transformar o sujeito.

“A transposição da barra exprime a condição de passagem do significante no significado da qual eu marquei mais acima o momento, confundindo-o provisoriamente com o lugar do sujeito” (Lacan, 1957, pp. 515/16).

Lacan se pergunta se o lugar que ocupamos como sujeito do significante seria concêntrico ou excêntrico ao lugar que ocupamos como sujeito do significado (cf. Lacan, 1957, pp.516/517). A pergunta é fundamental e aponta para uma problematização da idéia de palavra plena que prometia no horizonte a união de significante e significado. E ele a responde de forma direta:

“O S e o s do algoritmo saussuriano não estão no mesmo plano, e o homem se enganava ao se crer localizado em seu comum eixo que não está em parte alguma” (Lacan, 1957, p.518).

Miller nos diz que Lacan desmancha a simetria saussuriana entre o significante e o significado. Seu ensino instaura uma assimetria entre essas duas dimensões. Significante e significado não são para ele, como dizia Saussure, os dois lados de uma folha de papel, e sim, causa e efeito. O campo semântico instaurado pelo significado - significações e sentido - é um efeito das relações instauradas entre os significantes (cf. Miller, 1996, c.4, p.54).

Qual pode ser a relação entre esse desejo e sintoma tomados como efeitos da relação entre dois significantes? Podemos dizer que uma das características do sintoma acentuada por Lacan no “*Comunicado de Roma*” era seu aspecto de paralisação, o sintoma, como vimos, era uma paralisação no movimento historicizante da palavra. E essa paralisação podia ser desfeita a partir da palavra plena, através de uma significação retroativa capaz de reunir significante do sintoma ao seu significado histórico recalcado. O que se modifica e o que se mantém nessa concepção de sintoma? Aqui Lacan volta a falar do sintoma em relação à história, nos dizendo que “*É a verdade disso que esse desejo foi em sua história, que o sujeito grita em seu sintoma*” (Lacan, 1957, p.518)...

Para entendermos a relação entre o sintoma e o desejo é preciso nos determos na relação entre a metáfora e a metonímia. Miller nos diz que toda a argumentação de Lacan sobre a metáfora e a metonímia tem como pano de fundo a noção de verdade - a verdade como um “*sentido absoluto*”. Mas esse sentido absoluto é encoberto pelo “*véu da linguagem*”. A metonímia seria a manutenção desse véu. Daí Lacan dizer que a significação na metonímia é retida. Já a metáfora deixa entrever algo da significação. Assim, com a metonímia,

“O sujeito enuncia, e ele não revela a verdade, ao contrário, ele a dissimula, ainda que por certas brechas, certas rasgaduras do véu se possa entrever a verdade dissimulada...A metáfora constitui uma rasgadura de certa forma maior do véu e uma emergência da verdade” (Miller, 1996, c.5, pp.7/8).

A função da interpretação nesse momento estaria ligada ao levantamento desse véu da linguagem. E ela é uma tarefa de significante. Trata-se de saber que significante deve ser acrescentado pelo analista à cadeia que o sujeito apresenta sob a associação livre para produzir o efeito de sentido esperado (cf. Miller, 1996, c.7, p.3).

4.4 - Dirigir o tratamento apontando o lugar do desejo

O texto "*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*"³² foi escrito por Lacan a partir de um comunicado feito no Colóquio de Royaumont em 1958. Procuraremos nos concentrar na pergunta que faz ao longo do texto sobre o lugar da interpretação no tratamento.

Para começar seria importante lembrar que Lacan, seguindo Freud, considera a interpretação como dependente da posição em que o analisando coloca o analista na transferência. A última é uma pré-condição para que a primeira produza seus efeitos e não depende tanto do analista quanto a interpretação. Assim, Lacan diz que "*o analista é menos livre em sua estratégia - a transferência - que em sua tática - a interpretação*" (Lacan, 1958, p.589). Em sua tática, o analista depende da frase que o analisando vai dizer, do que vai ocorrer, da contingência do que se passa. É preciso que se seja oportunista, quando se abre um buraco, um espaço para a interpretação, é preciso saltar, saltar bem, tal qual o leão ao atacar sua presa.

Ao procurar delimitar o lugar da interpretação, Lacan está preocupado com uma certa concepção da análise que a confunde com uma variedade de outras intervenções possíveis àquele que ocupa também o lugar de analista, sejam elas "*explicações, gratificações, respostas à demanda...*". Mas, nem tudo no dispositivo analítico é interpretação. Em oposição a esta concepção genérica, Lacan define a interpretação como um "*dizer*

³² Écrits, pp.585-645. A tradução mais conhecida, presente por exemplo na versão brasileira do seminário VII de Lacan é "A direção da cura...", porém, o termo francês *cure* fica melhor em português como tratamento e não cura (que tem a conotação de resultado de um tratamento).

esclarecedor" (Lacan, 1958, p.592) algo que torna a tradução daquilo que traz o analisando possível.

"A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que ai se compõem, alguma coisa que subitamente torna a tradução possível, - precisamente o que permite a função do Outro na ocultação do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante" (Lacan, 1958, p.593).

Se Lacan se refere a função do Outro, é para mostrar que a interpretação não se faz a partir de qualquer lugar e sim desde um lugar específico que determina o sujeito. Não é possível compreender uma modificação do sujeito, senão a partir deste lugar do Outro, simbólico por excelência.

Ao juntar um significante a mais na cadeia trazida pelo analisante, a interpretação evoca esse a mais que não é nada, é uma pura diferença entre dois significantes. Laurent define muito bem a modificação na concepção lacaniana de interpretação ai implicada:

"Entre o 'Discurso de Roma' e 'A direção do tratamento' se sistematizou para Lacan o manejo da interpretação como o que, agregando um significante a mais ao que esta constituído como bateria, como conjunto, faz surgir a pura diferença, o nada que é o fundamento mesmo do conjunto dos significantes" (Laurent, 1993, p.22).

Essa concepção de interpretação é o que levará Lacan mais tarde a formular o matema segundo o qual o sujeito não é mais que uma variável do significante, um lugar vazio que toma seus valores segundo a cunhagem dos significantes, pela relação de um significante ao outro.

$S_1 - S_2$
§

A interpretação deve estar sempre em relação com a falta, apontando para o fato do sujeito ser atingido pela *Spaltung*, divisão. Lacan propõe nesse texto o matema do sujeito barrado: $\$$. (cf., Lacan 1958, p.634). A barra que separava, como vimos a pouco, o significante do significado, S/s , atinge agora o próprio sujeito. Isso quer dizer que há algo do significado que não pode jamais vir à palavra, um impossível de se significar que atinge o sujeito estruturalmente. E por que interpretação deve visar esse ponto? Pois é aí que se constitui o desejo.

O desejo é instaurado a partir da relação de dois significantes, a partir do lugar do Outro, e não mais a partir de dois sujeitos, não há mais em Lacan a idéia de reconhecimento do desejo. Lacan diz que fazer o sujeito se reconhecer na cadeia significante como desejante é o inverso de fazê-lo se reconhecer aí como sujeito (cf., Lacan, 1958, p.623). E o desejo não é apreensível senão na interpretação. Logo, a interpretação não visa reconhecimento, ela visa colocar o sujeito em movimento.

Neste texto e em outros dessa mesma época, Lacan forja um novo conceito, o conceito de demanda, destacando a importância de se levar em conta a relação da demanda com o desejo ao se conduzir o tratamento. Se em Roma, ele definia a palavra como uma questão, aquilo que se buscava na palavra é uma resposta, aqui, vai defini-la como uma demanda. Definir a palavra como uma demanda, como um pedido, quer dizer que o que se busca ao falar é uma satisfação.

Há um poder que se dá ao analista, o poder de sugestão, pede-se seus conselhos, direções na vida, etc. Em última instância, o analisando se dirige ao analista enquanto Outro num apelo de satisfação. Num apelo de complemento através de palavras, palavras que apontem para ele aquilo que lhe falta.

E por que o analista se subtrai a esse poder, por que não usa esse poder?

Porque o que visa, mais que qualquer satisfação parcial que poderiam acarretar suas respostas, é atingir um ponto mais além de qualquer resposta possível, ponto que está ligado ao desejo que corre por trás de todos esses pedidos. Localizando o desejo como mais além da demanda - definida como aquilo que se pode dizer - , Lacan o situa como algo que não se pode dizer. De maneira paradoxal, a partir dessa demonstração sobre o pedido e a relação ao código do Outro, ele descobre no campo da linguagem algo que não se pode dizer. O desejo é o que falta a toda demanda para poder ser satisfeita. É estruturalmente algo que não se pode dizer - um indizível.

Se o analista sustenta a demanda enquanto insatisfeita, não é para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes onde sua frustração está retida (cf., Lacan, 1958, p.618). É pela via desses significantes que o sujeito pode aceder ao seu desejo, desejo que se constitui nesse desfiladeiro dos significantes. A dialética da transferência instaura esse lugar do grande Outro, como o lugar dos desdobramentos da palavra. O desejo do homem se constitui nesse lugar, é o desejo do Outro. Não se trata aí de assumir as insígnias do outro, mas de encontrar um lugar a partir de uma abertura, de uma falta instaurada nesse Outro (cf., Lacan, 1958, p.628).

Entre esses significantes da demanda do sujeito, os significantes através dos quais podemos nos aproximar daquilo que Freud denominava a satisfação da pulsão, estão principalmente aqueles ligados aos objetos parciais. São significantes orais, anais etc. Mas Lacan dará nesse texto um lugar privilegiado ao significante falo. Ele praticamente aponta o falo como sendo o significante privilegiado do desejo. Não haveria aí uma contradição? Se ele vinha apontando ao longo de suas formulações que o desejo tinha por objeto o nada,

diferenciando-o da demanda que é sempre demanda de alguma coisa, como pode então dizer que o desejo tem um objeto, e que esse objeto é o significante falo? A resposta para essa aparente contradição se encontra num texto do mesmo ano, "*A significação do falo*", onde Lacan irá definir o próprio conceito de falo como intrinsecamente paradoxal. Essas contradições e mesmo paradoxos só ganharão o devido lugar com a instância do "gozo", fundada por Lacan um pouco mais tarde (cf. Miller, 1995a, c8, p.15).

Estávamos até agora, desde "*A instância da letra*", utilizando a fórmula da metonímia para dar conta do desejo, o desejo que Lacan definiu como uma significação escorregadia, aquilo que foge, desliza. A fórmula da metonímia aponta para uma significação precedida de um menos, isto é, uma significação que escapa, que corre com a cadeia significante.

Agora, Lacan estende essa equivalência, dizendo que a esse sentido, ou significação retida equivale um significante em especial, o menos phi ($-\phi$), assim definido: "*significante dos significantes, impossível de restituir ao corpo imaginário*" (Lacan, 1958, p.630). Esse significante aponta para uma satisfação, só que uma satisfação negativizada. É nesse sentido que podemos conjugar o desejo de falo com o desejo de nada, conforme resume Miller:

No fundo o estribilho da "Direção da Cura" é: Trata-se de interpretar o desejo e seu significante, o falo. E isto quer dizer algo de muito preciso. Isto quer dizer: é preciso sempre interpretar em direção da falta, é preciso sempre interpretar em direção do nada, é preciso, de certo modo, visar e mostrar o nada (Miller, 1995a, c15, p.13).

Quando Lacan trabalha o sonho de uma paciente de Freud - a "Bela Açougueira"³³, conclui sua interpretação tornando esta equivalência bem clara: "*Ser o falo, mesmo que seja um falo um pouco magro. Não estaria aí a identificação ao significante último do desejo?*"

(Lacan, 1958, p.627). Ele aponta nesse texto e principalmente no seminário IV - "*As relações de objeto*", que em relação a esse desejo de ser o falo, cabe à análise uma operação de transformação do ser ao ter. Cabe uma transposição dessa identificação ao falo como aquilo que falta ao Outro, acarretando uma mobilidade do desejo.

Esse sonho é muito interessante pois aponta para uma característica fundamental do desejo da histórica, desejo que poderia ser qualificado a partir deste sonho como desejo de ter um desejo insatisfeito. Isto é, desejo que mantém o lugar do nada, um desejo que nada pode satisfazer. Um desejo permanente e que diz não à satisfação.

Ao interpretar, se o analista não tiver em foco essa natureza do desejo, ele irá produzir *actings-out*. Foi o caso de Freud no tratamento de Dora, como vimos em nosso segundo capítulo. É o caso do "Homem dos Miolos Frescos", um tratamento conduzido por Ernest Kris, assim como outro de Ruth Lebovici, ambos abordados por Lacan nesse texto (cf., Lacan, 1958, pp.599-601; 609/610).

Resumindo, poderíamos dizer que interpretar é sempre interpretar o desejo, isto é, interpretar em direção ao falo, à falta a ser e ao nada. O importante na interpretação é que ela vise sempre esse ponto de falta. Ponto que recai sobre o sujeito (\$), mas também sobre o Outro, como mais tarde virá a apontar o matema S (A) (cf., Miller, 1995a, c3, p3).

Há uma incompatibilidade entre o desejo e a palavra, ele guarda em si uma distância entre o querer dizer algo e o que se diz e, nesse sentido, é mais compatível com o silêncio. É assim que Lacan pode dar como emblema para a interpretação a figura do dedo levantado se São João, num quadro de Leonardo da Vinci. Em lugar de dizer, apenas aludir, apontar para aquilo que sob o significante não se pode dizer (cf., Lacan, 1958, p.641).

³³ Este sonho se encontra na "Interpretação dos Sonhos", pp. 156-160, 185/186. Ele aparece como o sonho da

4.5 - Levar em conta os limites da interpretação guardando o lugar do indizível.

A problemática trabalhada nos textos que acabamos de examinar tem seu desenvolvimento ao longo da obra de Lacan. Porém, decidimos abordar apenas essa virada que se dá do “*Comunicado de Roma*” para “*A instância da letra*” e “*A direção do tratamento*”. Essa passagem é fundamental pois trata-se de um limite que se impõe à interpretação. Limite esse que é tratado em termos da própria estrutura da linguagem.

No primeiro texto analisado aqui, Lacan nos propunha o entendimento do inconsciente como “*um capítulo censurado na história do sujeito*”. Por fazer parte deste capítulo censurado, o significado do sintoma não é acessível ao sujeito, é recalçado, inconsciente. Só se tem acesso ao significante do sintoma que, por estar separado de seu significado, lhe dá seu caráter sem sentido.

Porém, o que propõe Lacan nesse momento? Ele propõe que é possível a partir da interpretação juntar o significante do sintoma ao seu significado, isto é, dar um sentido para o mesmo e com isso desfazê-lo. Tornar o significado do sintoma consciente para o sujeito significa incluir um capítulo que era censurado à sua história oficial. Isto é, vencer a censura.

O pensamento de Lacan não é simplista, se a interpretação consegue atingir esse objetivo, o faz de um modo indireto. O analista não aponta diretamente o significado recalçado, porém, evoca o significante do sintoma de maneira calculada, apelando para a ressonância semântica, isto é aludindo indiretamente esse significado. O fato é que, mesmo indiretamente, a interpretação comunica algo do significado do sintoma para o sujeito.

O termo “*palavra plena*” carrega em si a possibilidade do sujeito alcançar o reconhecimento em sua história. Dos significantes que usa para relatar sua história alcançarem com o trabalho analítico seus significados.

O objetivo do tratamento é definido por Freud várias vezes em termos muito similares. Ele nos fala em “*desfazer as lacunas da memória do sujeito*”, “*levantar as repressões*”. É uma perspectiva onde se trata de preencher lacunas.

Porém, seriam as lacunas passíveis de preenchimento total, haveria alguma possibilidade de plenitude, de tradução completa?

Em “*Construções em análise*”³⁴ (1937), Freud nos diz que a técnica psicanalítica visa levar o paciente a abandonar as repressões primevas e substituí-las por reações psicologicamente maduras. Os sintomas e inibições experimentados são consequência dessas repressões, constituindo substitutos para coisas que se esqueceu. A análise visa fazer o paciente se recordar das experiências reprimidas e dos afetos a elas ligados, para formar um quadro confiável daquilo que foi por ele esquecido, quadro este que deve ser completo em seus aspectos essenciais (cf., Freud, 1937b, pp.291/292).

O material do qual o analista parte para estimular a recordação das lembranças reprimidas é bem variado: sonhos, associação livre e ações do paciente. Todo esse material vem à tona na relação transferencial estabelecida com o analista, que “*é especificamente calculada para favorecer o retorno dessas conexões emocionais*” (Freud, 1937b, p.292).

Enquanto a tarefa do paciente é recordar, a tarefa do analista é distinta:

“Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo. A ocasião e o modo como transmite suas construções à pessoa que está sendo analisada, bem como as

³⁴ Freud, S. *Obras completas*, vol. XXIII, pp.289-304.

explicações com que as faz acompanhar, constituem o vínculo entre as duas partes do trabalho de análise, entre seu próprio papel e o do paciente” (Freud, 1937b, p.293)

Até agora temos falado muito mais nas interpretações do que nas construções. Porém, Freud acredita que é mais correto chamar o processo geral acima descrito como construção, reservando à interpretação uma função mais restrita:

“‘Interpretação’ aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia. Trata-se de uma ‘construção’, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu...” (Freud, 1937b, p.295).

Parece-nos que Freud, diante dos limites que encontra para a interpretação como forma de obter o material ligado aos conflitos inconscientes do paciente, faz apelo a uma nova forma de intervenção a que denomina construção.

Miller analisa o conceito freudiano de construção de uma forma que pode ser útil para nossa reflexão. Ele nos diz que, no momento em que Freud se depara com a impossibilidade de restituir a continuidade das reminiscências do paciente, com a impossibilidade de uma tradução completa, ele intervém com isso que chama a construção.

“No fundo isso que ele chama construção, é o significante que vem do analista para tapar o furo no saber, o furo no saber inconsciente, isso que não pode ser recuperado disso que entretanto deve estar lá” (Miller, 1995a, c.3, p.4).

Resta saber se essa relação que Freud mesmo aponta entre a interpretação e uma falta - uma impossibilidade de restabelecer uma continuidade no campo do saber que o sujeito produz acerca de sua história - pode ser superada ou não. Isso que o sujeito não pode dizer, o analista pode fazê-lo em seu lugar? Ou seria um lugar que deve ser preservado?

Se no "*Comunicado de Roma*", temos a idéia de palavra plena apontando para essa possibilidade de vencer a censura e, no horizonte que seja, vencer esse limite, algum tempo depois essa possibilidade não parece mais ter lugar no ensino de Lacan.

O passo que este autor dá em "*A instância da letra*" é interessante por apontar um limite e uma forma, ou pelo menos algumas dicas de como lidar com esse limite. E ele fará isso analisando a própria estrutura da linguagem, a partir do algoritmo de Saussure, S/s; desenvolvendo as formas pelas quais as ligações entre os significantes podem gerar os significados.

Como vimos, Lacan nos diz que há duas formas básicas de associar os significantes para produzir significados: metáfora e a metonímia, assimiladas por ele aos dois processos fundamentais envolvidos no trabalho inconsciente, a condensação e o deslocamento. É a partir disso que pode afirmar que o inconsciente tem a estrutura de uma linguagem, mostrando a coerência que há entre a descoberta do inconsciente e a regra fundamental do dispositivo analítico - a associação livre.

Se a interpretação da metáfora do sintoma deixa entrever algo de sua significação, com o desejo não ocorre o mesmo. A significação metonímica do desejo, a partir da conexão de um significante a outro, não emerge, apenas desliza, é sempre variável, dependendo de cada novo significante que seja associado à cadeia. Dizer que a significação do desejo não emerge, mostra um limite claro ao seu reconhecimento na cadeia significante. Se a relação do sujeito com o objeto de seu desejo é mediada pelo significante, este objeto lhe escapa sempre. Lacan define o desejo como "desejo de outra coisa", desejo como um significado sempre por advir.

Esse é um limite muito claro à possibilidade de interpretação do desejo. Se ele é sempre instaurado na relação de conexão entre dois significantes, relação essa que produz uma significação que escapa, não há reconhecimento possível do desejo. Lacan aponta que significante e significado não estão no mesmo plano e isso produz uma divisão fundamental. Não há um eixo comum onde o sujeito pudesse se reconhecer, não há palavra plena que una esses dois planos.

Em "*A direção do tratamento*", Lacan define a interpretação de uma forma que leva em conta esse limite trabalhado na "*Instância da letra*". O primeiro fato por ele apontado é que a interpretação se faz sempre a partir de um lugar específico, o lugar do Outro da linguagem que determina o sujeito.

A interpretação junta sempre um significante à cadeia trazida pelo analisante. Ao juntar esse significante, ela evoca um a mais que, em última instância, não é nada. É uma pura diferença entre dois significantes. E é exatamente esse ponto que deve visar a interpretação, uma vez que aí que se constitui metonimicamente o desejo do sujeito, numa relação intrínseca com algo de indizível.

Há uma incompatibilidade fundamental entre o desejo e a palavra, uma distância intransponível entre o querer dizer e o dizer algo. E a interpretação deve sempre visar isso sob o significante que não se pode dizer. O desejo, nos diz Lacan, aponta para um nada, um ponto de falta. Falta essa que recai tanto sob o sujeito, barrado estruturalmente (\$) como sob o Outro, o campo da linguagem. Falta na linguagem um significante pelo qual o sujeito pudesse se reconhecer, um significante que pudesse dizer sobre seu desejo.

O importante nessa perspectiva da interpretação é que, ao apontar para um limite do que é possível dizer, ela permite ao sujeito fazer a experiência desse limite. Permite que ele

venha a se relacionar com essa falta, com esse nada do qual se constitui seu desejo, de uma forma nova, diferente daquela que o levou a buscar a análise. Diferente daquela que leva o sujeito a buscar no Outro um significante que pudesse dar conta de sua posição enquanto desejante.

CONCLUSÃO

A interpretação pode ser considerada como a forma fundamental pela qual se intervém sobre o material que nos traz quem busca um tratamento psicanalítico. Se este pede para se livrar de um sofrimento cuja causa lhe escapa, a interpretação é uma resposta que o tratamento tem a oferecer.

O sofrimento acarretado pelo sintoma é algo intrinsecamente ligado a tudo aquilo que diz respeito ao paciente. Se o estudo dos sonhos teve um papel tão marcante na psicanálise, fundamentando a hipótese freudiana do inconsciente, é justamente por apontar para o fato de que não há uma diferença fundamental entre “doença” e “normalidade”. A divisão subjetiva e o desconhecimento de si próprio daí decorrente atinge todo aquele que fala.

Estudando os sonhos, Freud delimitou as leis que estavam em jogo no trabalho inconsciente. Os fatos da vida psíquica são sobredeterminados, tem sempre mais de um sentido, sentidos outros que aquele suposto pela consciência. Mais que isso, eles podem nos enganar, podemos atribuir importância a fatos insignificantes e deixar passar como indiferentes aqueles que mais nos dizem respeito. Condensação e deslocamento atingem as representações psíquicas sem que o saibamos, são processos que pertencem à dimensão inconsciente.

A interpretação caminha no sentido oposto a esses processos, procurando mostrar as múltiplas significações de nossas idéias, assim como o caráter muitas vezes deslocado da importância que damos a elas. Porém, haveria a possibilidade de descobrirmos o sentido último daquilo que nos aflige, o sentido último do desejo que nos move? A interpretação pode eliminar o desconhecimento acarretado pelo trabalho psíquico inconsciente?

A hipótese que fundamentou nossa pesquisa foi de que a interpretação esbarra com limites. Partindo da coerência existente entre a descoberta do inconsciente e a invenção do dispositivo analítico, procuramos abordar esses limites por duas perspectivas: a primeira delas foi a própria definição do inconsciente e das leis aí presentes; a segunda foi a caracterização do dispositivo analítico, daquilo que baliza nossa intervenção enquanto analistas.

Um apontamento fundamental para nossa pesquisa foi a noção freudiana de umbigo do sonho - um limite estrutural, necessário, com que esbarra a interpretação. Um ponto onde não é mais possível interpretá-lo, onde as associações do sonhador se abrem em todas as direções não permitindo que se chegue mais a lugar algum. No umbigo do sonho, a interpretação esbarra com o desconhecido, sendo justamente aí o ponto a partir do qual se desenvolve o desejo onírico inconsciente. É fundamental essa conjunção entre limite da interpretação e a própria constituição do desejo, pois revela que o mesmo tem relação necessária com o desconhecido.

A correlação freudiana entre sintoma e sonho nos permitiu generalizar o limite encontrado na interpretação dos sonhos para o sintoma, dando a essa problemática sua consequência clínica fundamental. O trabalho sobre os sintomas tem que levar em conta os limites em jogo em sua interpretação. Se todo sintoma é a realização de um desejo, desejo que guarda em si uma relação necessária com o desconhecido, em sua interpretação é preciso preservar este lugar.

Freud atropela o desejo de Dora ao apontar inequivocamente seu objeto. Não é por acaso que ele irá demonstrar tantos cuidados ao definir a posição do analista no dispositivo. Ao paciente cabe a associação livre. Ao analista cabe tirar das associações do paciente suas consequências. E quando é que ele falha? Exatamente quando atropela o trabalho do paciente

com suas expectativas, suposições e anseios. Quando tem a ambição de curá-lo, de educá-lo, quando não suporta essa relação fundamental entre o desejo e o desconhecido.

A importância do ensino de Jacques Lacan para essa temática aqui trabalhada é que, ao dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, ele coloca inconsciente e dispositivo analítico num mesmo plano. O analisando fala ao analista que lhe responde de certa forma, trata-se de um campo onde a fala e a linguagem estabelecem as regras.

Lacan nos traz contribuições fundamentais para pensar a interpretação analítica, aproximando o material das associações a um texto: os cortes e pontuações, assim como o uso do tempo lógico, são instrumentos clínicos refinados. Porém, a concepção teórica que fundamentou essa noção de interpretação sofreu modificações.

Qual é a queixa fundamental de quem procura uma análise? Há um sofrimento ligado a sintomas cuja determinação lhe escapa. Na relação com o analista, procura-se aceder ao sentido de seu sofrimento. Porém, o que Freud nos mostra desde muito cedo é que não há no sintoma apenas sofrimento, mas também satisfação de desejo inconsciente.

Num primeiro momento de seu ensino, vimos Lacan acenar com a possibilidade de desfazer os sintomas e reconhecer o desejo inconsciente, através de uma palavra plena. Palavra onde significante e significado poderiam se reunir, transpor uma censura que lhes era imposta.

O salto dado em seu ensino, conforme acompanhamos, apontou para um limite da interpretação. Limite da possibilidade de vencer a censura que separa o significante de significado.

Analisando a estrutura da linguagem, Lacan nos mostrou que a barra que separa significante e significado é intransponível. O mecanismo fundamental levado em conta na

problemática trabalhada nessa dissertação foi a metonímia do desejo. Na metonímia, um significante se conecta a outro, e a significação que aí se produz não emerge, resta sempre inconsciente, apontando para o fato de que o desejo não é passível de reconhecimento.

Como à cadeia significante dos ditos do paciente, sempre é possível unir mais um significante, a significação do desejo escapa sempre, desliza junto dessa cadeia. Poderia parecer que se instala assim uma perspectiva de análise infinita, porém, não se trata disso. O que Lacan nos apontou é que interpretar levando em conta a metonímia do desejo, significa apontar para o nada pelo qual ele se constitui. O desejo se constitui nesse espaço impossível de reduzir entre dois significantes, um espaço vazio que revela um indizível.

Se, como vimos, a estrutura da linguagem guarda em si um lugar vazio, se ela guarda em si uma falta da qual se constitui o próprio desejo, a interpretação tem que levar isso em conta. Há um limite ao que é possível dizer, e o desejo se constitui exatamente nesse limite do indizível. Logo, é preciso que a interpretação leve em conta esse limite. Que ela o aponte e permita que o sujeito faça dele a experiência.

Quisemos aqui ressaltar que uma saída para a experiência analítica tem necessariamente que levar em conta os limites que se impõe à interpretação. É só uma forma de interpretação que vise exatamente tornar presente para o analisando o que lhe escapa, e escapará necessariamente, que pode lhe permitir lidar com essa impossibilidade de uma forma nova. Forma esta em que não supõe mais um Outro completo no qual poderia encontrar a significação de seu desejo, seja ele encarnado pelo analista ou qualquer outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Freud, S.** A interpretação dos sonhos (1900). Edição Standard, v. IV e V
- Freud, S.** A psicopatologia da vida cotidiana (1901). Edição Standard, v. VI
- Freud, S.** Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905a). Edição Standard, v. VII
- Freud, S.** Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905 b). Edição Standard, v. VII
- Freud, S.** Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905 c). Edição Standard, v. VIII
- Freud, S.** Artigos sobre a técnica (1911-1915). Edição Standard, v. XII
- O manejo da interpretação dos sonhos em psicanálise (1911)
- A dinâmica da transferência (1912 a)
- Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912 b)
- Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913)
- Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914)
- Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915[1914])
- Freud, S.** O Inconsciente (1915). Edição Standard, v. XIV
- Freud, S.** Meu contato com Josef Popper-Lynkeus [1932]. Edição Standard, v. XXII
- Freud, S.** Construções em análise [1937]. Edição Standard, v. XXIII

- Freud, S.** Análise terminável e interminável [1937]. Edição Standard, v.XXIII
- Freud, S.** Esboço de psicanálise (1940[1938]). Edição Standard, v.XXIII
- Lacan, J.** Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse (1953), in *Écrits*. Paris, 1966, Éditions du Seuil.
- Lacan, J.** L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud (1957), in *Écrits*. Paris, 1966, Éditions du Seuil.
- Lacan, J.** La direction de la cure et les principes de son pouvoir (1958) in *Écrits*. Paris, 1966, Éditions du Seuil.
- Laurent, E.** Sobre la interpretacion, in *Concepciones de la cura en psicoanálisis*. Buenos Aires, 1993, Ediciones Manantial.
- Miller, J.A.** Silê - Séminaire 1994 -1995. Paris, 1995a, edição não oficial, veiculada pela Biblioteca do Campo Freudiano - RJ.
- Miller, J.A.** Petit introduction aux pouvoirs de la parole, in *La lettre mensuelle* - "Vous ne dites rien". Paris, Septembre-Octobre 1995b.
- Miller, J.A.** Séminaire 1995-1996 (Tema: A Interpretação). Paris, 1996, edição não oficial, veiculada pela Biblioteca do Campo Freudiano - RJ.
- Miller, J.A.** La lógica del significante, in *MATEMAS II*. Buenos Aires, 1988, Ediciones Manantial.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

AMP. *Os Poderes da Palavra* - textos reunidos pela associação mundial de psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

André,S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987.

Basz, S. La interpretación en el caso Dora, in *La interpretación en los casos del psicoanálisis*. Buenos Aires, publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), 1995.

Bataille, L. *O umbigo dos Sonhos, por uma prática da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

Baudini, S. Presentación, in *Transferencia e interpretacion*, Buenos Aires, publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), 1994.

Brodsky, G. Juego de palabras, in *La interpretación en los casos del psicoanálisis*. Buenos Aires, publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), 1995.

Castillo, C. Sobre la interpretación, in *Transferencia e interpretacion*, Buenos Aires, publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), 1994.

Clastres, G. Amor de transferencia e interpretacion, in *Momentos cruciales de la experiencia analítica*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1987.

Cottet,S. Una razón para no interpretar a transferencia, in *Momentos cruciales de la experiencia analítica*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1987.

Freud e o desejo do psicanalista. Rio de Janeiro, JZE, 1989.

Garcia-Roza,L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana-2, A interpretação do sonho(1900)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993.

- Gorali, V.** El corte de sesión, escansión y construcción, in *La palavra - temporalidad-interpretación*. Buenos Aires, publicación de la Escola de la Orientación Lacaniana (EOL) , 1995.
- Kris, E.** A psicologia do ego e a interpretação na clínica psicanalítica, in revista *Falo* num.1. Rio de Janeiro, ed. Fator, 1987.
- Lacan, J.** *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- Lacan, J** *O seminário - Livro I*, Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- Lacan, J** *O seminário - Livro II*, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- Lacan, J** *O seminário - Livro III*, As psicoses (1955-56). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- Lacan, J** *Le séminaire - livre IV*, La relation d'object (1956-57). Paris, Éditions du Seuil, 1994.
- Lacan, J** *O seminário - Livro VII*, A ética da psicanálise (1959-60). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- Lemoine, E.** Cuando decir , es hacer, in *Acto e interpretacion*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1984.
- Mezan,R.** - *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- Miller, J.A.** *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, 1987, Jorge Zahar Ed.
Matemas I. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1987.

- Matemas II*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1988.
- Logicas de la vida amorosa*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1991.
- A lógica na direção da cura*. Belo Horizonte, publicação da Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.
- Nasio, J.-D.** *La voz y la interpretacion*. Buenos Aires, Ediciones Nova Vision, 1987.
- Quinet, A.** "A ética da interpretação", in revista *Falo* num. 2, Rio de Janeiro, ed. Fator, 1988.
- Safouan, M.** *A transferência e o desejo do analista*. Rio de Janeiro, Ed Papyrus, 1991.
- O inconsciente e seu escriba*. Campinas, SP, Ed. Papyrus, 1987.
- Silvestre, D.** La cuestion del silencio, in *Momentos cruciales de la experiencia analitica*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1987.
- Silvestri, N.** Presentación, in *Transferencia e interpretacion*, Buenos Aires, publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), 1994.
- Soler, C.** Sobre la interpretacion, in *Ato e Interpretacion*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1984.
- Finales de analisis*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1988.
- Artigos Clínicos. Transferência, Interpretação, Psicose*. Salvador, Ed. FATOR, 1991.
- Valas, P.** El efecto de la interpretación, in *IRMA - El cálculo de la interpretación* (traducción integral de Ornica n 40), Buenos Aires, Atuel, 1995.
- Zizek, S.** *Eles não sabem o que fazem*. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro, IZE, 1992.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1: O inconsciente freudiano	
1.1 Sonhos - uma via de acesso ao inconsciente	6
1.2 Trabalho do inconsciente e trabalho da interpretação	10
1.3 A condensação	13
1.4 O deslocamento	17
1.5 Considerações sobre a representabilidade	19
1.6 O trabalho Ics e alguns impasses do processo interpretativo	24
Capítulo 2: A interpretação dos sintomas	
2.1 O sintoma faz parte da história	28
2.2 Interpretação no caso Dora	29
2.3 Os impasses do Caso Dora	37
Capítulo 3: O dispositivo analítico	
3.1 Associação livre e atenção flutuante	43
3.2 Interpretação e transferência	50
Capítulo 4: Interpretação e linguagem	
4.1 Lacan no caminho das letras	58
4.2 As ressonâncias da palavra e a interpretação	60
4.3 As leis da linguagem e os fundamentos da interpretação	74
4.4 Dirigir o tratamento apontando o lugar do desejo	89
4.5 Levar em conta os limites da interpretação guardando o lugar do indizível	95
Conclusão	101
Referências bibliográficas	105
Bibliografia	107

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Inês de Oliveira Castro Carneiro intitulada "Os limites da interpretação", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Octávio de Souza (Orientador)
PUC/Rio



Profa. Claudia Amorim Garcia
PUC/Rio

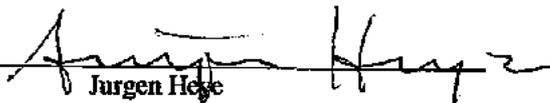


Profa. Ana Maria de Toledo Piza Rudge
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro,

16/04/2000



Jurgen Heje
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas